



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAIO HENRIQUE ALMAGRO CARVALHO

**RELAÇÕES FAMILIARES E COVID-19:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA FAMILIAR DURANTE
O ISOLAMENTO SOCIAL**

Londrina
2024

CAIO HENRIQUE ALMAGRO CARVALHO

**RELAÇÕES FAMILIARES E COVID-19:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA FAMILIAR DURANTE
O ISOLAMENTO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1 “Avaliação Psicológica e Processos Clínicos”.

Orientador: Profa. Dra. Maíra Bonafé Sei

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Carvalho, Caio Henrique Almagro.

Relações familiares e COVID-19 : Considerações sobre a dinâmica familiar durante o isolamento social. / Caio Henrique Almagro Carvalho. - Londrina, 2024.
103 f.

Orientador: Maíra Bonafé Sei.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2024. Inclui bibliografia.

1. Dinâmica familiar - Tese. 2. Pandemia de COVID-19 - Tese. 3. Isolamento social - Tese. I. Sei, Maíra Bonafé. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

CAIO HENRIQUE ALMAGRO CARVALHO

**RELAÇÕES FAMILIARES E COVID-19:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DINÂMICA FAMILIAR DURANTE
O ISOLAMENTO SOCIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGSI) da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1 “Avaliação Psicológica e Processos Clínicos”.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Maíra Bonafé Sei
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof.^a Dra. Mary Yoko Okamoto
Universidade Estadual Paulista - UNESP

Prof.^a Dra. Rebeca Nonato Machado
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro - PUC-Rio

Londrina, 22 de fevereiro de 2024.

A todas as famílias aqui representadas, que, por meio de suas vivências, aceitaram compartilhá-las para que esta pesquisa fosse possível.

Em especial, para minha prima Gabrielly Chagas (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Dra. Maíra Bonafé Sei, por todo incentivo e apoio dado durante todo o meu percurso no mestrado, pela confiança em meu trabalho e capacidade, pelas orientações realizadas e, sobretudo, pela dedicação em me auxiliar em toda a minha jornada acadêmica.

Às professoras da Banca Examinadora, Prof.^a Dra. Mary Yoko Okamoto e Prof.^a Dra. Rebeca Nonato Machado, por terem aceitado o convite de avaliar este trabalho, pelo acolhimento e contribuições valiosas que permitiram meu crescimento acadêmico e o desenvolvimento desta pesquisa.

À minha mãe, Maura Almagro, por ter me proporcionado todo afeto, cuidado, carinho e dedicação, por ser a mulher mais corajosa e batalhadora que eu tive o prazer de ter em minha jornada.

Aos meus avós, José Leonel Carvalho Filho e Maria Nadir de Campos Carvalho, que auxiliaram em minha criação, dando-me afeto, carinho e os valores que possuo hoje, por sempre acreditarem em meus sonhos e permitir vivê-los.

Ao meu namorado, Luís Henrique Cardoso Alexandre, por escolher estar ao meu lado durante todo este percurso, tanto nos momentos bons e ruins, que escolheu compartilhar comigo sua vida e me mostrar o verdadeiro significado de amar.

À minha amiga, Caroline Mattos Gonçalves, a qual considero como uma irmã, que sempre esteve ao meu lado em todas as etapas da minha vida, desde antes da graduação, sempre me encorajando a buscar a melhor versão de mim e sendo parceira de todos os momentos.

Às minhas amigas Camila Ranieri e Bruna Schoenberger, que me acolheram quando estava em minha graduação e se tornaram partes fundamentais da minha vida, dando-me acolhimento, apoio e me ajudando nas dificuldades deste percurso.

Aos meus amigos Julia Aranega Garcia Tiepo, Mariana Heloisa de Lima, Éder Ribeiro, Loraine Kavrokov Vieira, Larissa Dallamuta Cunha e Lara Stevanatto, que a psicologia colocou em minha vida e que levo comigo para sempre, sendo meus companheiros, alicerce em muitas dificuldades e os maiores fãs de todo o meu percurso acadêmico.

Aos meus amigos de Jataizinho, Emanuely Fioravante, Hevelize Gozi, Maria Maciel, André Maciel e João Carlos Jardim, por todos os anos de amizade, companheirismo, carinho e amor. Agradeço por todo suporte, risos e festas que passamos juntos.

Agradeço a todos que fizeram parte, em algum momento, do caminho trilhado por toda a minha jornada no mestrado. Meus cumprimentos para todos os professores que estiveram em minha vida até o presente momento.

Por último, agradeço a todas as famílias que participaram desta pesquisa, às quais dedico este trabalho e sou eternamente grato por poder compartilhar todas essas vivências e histórias.

Carvalho, C. H. A. (2023). *Relações familiares e COVID-19: considerações sobre a dinâmica familiar durante o isolamento social*. 103 páginas. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

A pandemia da COVID-19 implicou na necessidade de isolamento social, de maneira a minimizar a propagação do coronavírus, acarretando em consequências variadas. Diversas famílias tiveram que se reorganizar, conciliando, em um mesmo espaço físico, a rotina de trabalho e os cuidados com a casa e os familiares. Tendo em vista esse cenário, objetivou-se refletir sobre a dinâmica familiar durante o isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 com casais que possuíssem no mínimo um filho entre sete e doze anos de idade, residentes em Londrina e região e que pelo menos um dos cônjuges tenha ficado em *home office*. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, pautada no aporte psicanalítico. Os casais foram entrevistados com perguntas acerca do período de isolamento e alterações no grupo familiar. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo temática, com compreensão das categorias a partir da teoria psicanalítica, contemplando as especificidades de cada caso. As categorias delineadas foram divididas em dois grandes grupos que consistem em impactos dentro da casa e impactos fora da casa. Em impactos dentro da casa, os temas foram sentimento de insegurança e medo da morte, impacto psicológico e aproximação familiar. Os impactos fora da casa abarcaram o ensino remoto, relação com o trabalho e impacto financeiro. Espera-se que o entendimento advindo dessa investigação possa subsidiar o desenvolvimento de estratégias interventivas com o público em questão, promovendo a saúde mental da população.

Palavras-chave: Dinâmica familiar, Isolamento social, *Home Office*, Pandemia de COVID-19, Psicanálise.

Carvalho, C. H. A. (2023). *Family relationships and COVID-19: considerations on family dynamics during social isolation*. 103 sheets. (Masters Dissertation in Psychology). State University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic has meant the need for social isolation to minimize the spread of the coronavirus, leading to a variety of consequences. Many families have had to reorganize, combining their work routine, and caring for their home and family in the same physical space. In view of this scenario, the aim was to reflect on family dynamics during social isolation due to the COVID-19 pandemic with couples who had at least one child between the ages of seven and twelve, living in Londrina and the surrounding region, and at least one of whom had worked from home. This is a qualitative, exploratory study, based on psychoanalytic approaches. The couples were interviewed with questions about the period of isolation and changes in the family group. The data was analyzed using thematic content analysis, understanding the categories based on psychoanalytic theory, considering the specificities of each case. The categories outlined were divided into two large groups consisting of impacts inside the home and impacts outside the home. In the case of impacts inside the house, the themes were feelings of insecurity and fear of death, psychological impact and family closeness. Impacts outside the home included remote learning, the relationship with work and financial impact. It is expected that the understanding of counseling from this investigation can support the development of intervention strategies with the public in question, promoting the mental health of the population.

Keywords: Family dynamics, Social isolation, Home Office, COVID-19 pandemic, Semi-structured interview.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categorização dos casais entrevistados

38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	15
3 COVID-19 E IMPACTOS NA DINÂMICA FAMILIAR.....	24
4 OBJETIVOS.....	36
OBJETIVO GERAL.....	36
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	36
5 MÉTODO.....	37
PARTICIPANTES.....	37
PROCEDIMENTOS.....	38
INSTRUMENTOS.....	39
ASPECTOS ÉTICOS.....	40
ANÁLISE DE DADOS.....	41
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	42
CASAL 1.....	42
CASAL 2.....	44
CASAL 3.....	46
IMPACTOS DENTRO DA CASA.....	49

SENTIMENTO DE INSEGURANÇA E MEDO DA MORTE.....	49
IMPACTOS PSICOLÓGICOS.....	55
APROXIMAÇÃO FAMILIAR.....	60
IMPACTOS FORA DA CASA.....	67
ENSINO REMOTO.....	68
RELAÇÃO COM O TRABALHO.....	74
IMPACTOS FINANCEIROS.....	82
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
8 REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS.....	98
ANEXO A – Entrevista com casais em <i>home office</i>	99
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	101

1 INTRODUÇÃO

A família possui um papel primordial no desenvolvimento do ser humano durante a sua infância e é essencial para que possamos estabelecer relações com o outro, principalmente com a sociedade. Pensar nas relações familiares demanda refletir sobre como são os afetos entre os membros da família, a forma como se relacionam, compartilham momentos etc.

Em tempos comuns já é possível observar e presenciar impactos nas relações familiares gerados pela economia, cultura, aspectos sociais, dentre outros. Entretanto, com o surgimento da pandemia de COVID-19, a sociedade sofreu alterações nunca vistas antes e instaurou-se um “novo normal” permeado por medo, insegurança socioeconômica, ansiedade, assim como incertezas de como reagir e viver isolados em casa.

Frente a tantas mudanças sociais no conceito de *família* e suas vivências atropeladas pela COVID-19, faz-se necessário compreender como essa alteração social afetou as famílias brasileiras e como se deu a relação da família e sua dinâmica. É preciso compreender também que, por ser um acontecimento recente, os impactos observados são novos e podem apresentar pioras e melhoras no decorrer do tempo.

Posto isso, a presente pesquisa visou investigar os impactos do isolamento social nas relações e dinâmicas familiares de casais que ficaram em algum momento em *home office*, justamente para verificar alterações na dinâmica da casa. Objetivou-se também identificar se houve mudanças no aspecto físico da casa, assim como o surgimento ou agravamento de problemas familiares.

A princípio, buscando uma compreensão dos dados levantados, foi sintetizado o conceito de *família* e seu processo de constituição por meio da conjugalidade, assim como a parentalidade e as funções parentais exercidas por cada membro da família. Foi discorrido também sobre a importância da família para o desenvolvimento infantil e o quanto o grupo familiar reflete a sociedade atual.

Posteriormente, é discorrido sobre o início da pandemia da COVID-19 e as medidas adotadas para conter a contaminação da população, especificamente o isolamento social. Além disso, são elencados os impactos já observados nos indivíduos e na família, tanto na sua relação entre si quanto nas dinâmicas do grupo. Por fim, é dissertado sobre como fatores socioeconômicos, étnicos, culturais e de gênero são importantes para avaliar e mensurar os impactos da pandemia.

2 A CONSTITUIÇÃO FAMILIAR E SEUS DESDOBRAMENTOS

A família constitui-se como a instituição social mais duradoura da sociedade e apresenta evoluções na sua composição e forma de se relacionar entre si. No senso comum, a definição de *família* consiste em um grupo formado por pai, mãe e filho, com a responsabilidade apenas de reprodução e criação e possuindo também como função a socialização de crianças visando à manutenção e transmissão cultural (Macedo, 1994).

A referida autora pontua ainda que esse conceito de *família* varia de acordo com o campo de conhecimento utilizado, ou seja, as definições do que seria a família e seu funcionamento levam em consideração a linha de pesquisa empregada (Macedo, 1994). Ainda de acordo com Macedo (1994), a família, segundo a psicologia, é considerada como o primeiro espaço psicossocial no qual o indivíduo está inserido e, assim, responsável pelo seu desenvolvimento e interação social.

Poster (1979) pontua em sua obra sobre a evolução dos modelos de família na sociedade e que cada organização foi única e ditava o funcionamento social da época em que estava inserida. A família burguesa, um dos modelos percorridos por Poster, é apontada como o modelo de norma para toda configuração familiar, fato sustentado por Freud ao apontar que essa configuração apresenta um quadro mais claro da estrutura e funcionamento emocional do grupo (Poster, 1979).

Entretanto, com o advento e a evolução do capitalismo, o conceito e constituição da família vêm sofrendo várias alterações que geram preocupação nos pesquisadores e estudiosos e levantam uma indagação sobre a família estar apenas mudando ou se desintegrando enquanto instituição social (Poster, 1979).

Pode-se perceber, então, que as famílias modernas apresentam novas configurações tanto na sua composição quanto no seu funcionamento, e como decorrência novas questões

surgem para entender se tais alterações apresentam algum risco. Souza (2008) afirma que as principais mudanças são o divórcio, a baixa taxa de fecundidade, controle da natalidade, assim como o declínio social da instituição casamento.

Outro aspecto que impactou as relações familiares e sua composição foi justamente a inserção da mulher no mercado de trabalho. Essa alteração não é algo negativo, entretanto alterou o modelo familiar dito como normal durante anos e apresentou uma nova concepção de família (Souza, 2008). Souza (2008) discorre ainda que a evolução na sociedade e as imposições dela fizeram com que os indivíduos buscassem mais autonomia e autoconhecimento, ocasionando assim menor interesse na construção de uma família.

Roudinesco (2003) aponta em sua obra sobre a necessidade que uma família possui da outra simplesmente para existir, ou seja, de uma sociedade de famílias para que sua existência seja contemplada. Esse fato corrobora que a instituição família não deixará de existir, apenas sofrerá alterações em seu modelo de acordo com as demandas atuais da sociedade, algo que ocorre há séculos e ainda ocorrerá (Poster, 1979; Roudinesco, 2003).

Atualmente, sabe-se que o modelo de família é diverso em sua composição, abrangendo famílias homossexuais, étnico-raciais, inter-raciais, monoparentais, seja composta apenas de mãe-filho ou pai-filho. Contudo, o padrão de família ainda segue o modelo nuclear, ou seja, composto de pai, mãe e filhos (Roudinesco, 2003).

Deve-se levar em consideração também que a formação da família passou por várias mudanças na história da sociedade, saindo do ideal de transmissão de um patrimônio para chegar na contemporaneidade como a união de dois indivíduos em busca de relações afetivas e sexuais de forma íntima, assim como o desejo de compartilhar momentos com outra pessoa (Roudinesco, 2003).

A forma de se relacionar e se constituir das atuais famílias evidencia o funcionamento da sociedade no seu aspecto geral. Percebe-se que o modelo de família foi se alterando durante

as décadas, refletindo a economia e o poder exercido em cada período, todavia ainda prevalece a família nuclear, mesmo que com algumas diferenças, como menos filhos, trabalho e responsabilidades divididas e aumento de divórcios.

O casamento é descrito como o início da constituição de uma família nuclear e, assim, responsável pela união de dois indivíduos com desejos e afetos em comum. Na contemporaneidade, o casamento é visto como uma relação intensa e que demanda alto investimento de tempo, afeto e intimidade, e, por conta dos avanços sociais, trabalho e afins, esses aspectos vêm sendo cada vez mais difíceis de serem cumpridos (Féres-Carneiro, 2001; Cicco, Paiva, & Gomes, 2005). O que se pode perceber é que o casamento não é visto como antes, assim como as definições do senso comum de família; por decorrência do capitalismo, determinações de gênero e classe, entre outros, o investimento na relação acabou sendo impactado de forma negativa, o que pode vir a provocar rupturas na constituição e relação da família (Araújo, 2002).

Ao longo da história, o casamento foi assumindo outras funções permeadas por determinações econômicas e sociais mais abrangentes que nas décadas anteriores. A emancipação feminina, a melhora nos métodos anticoncepcionais e as demandas de trabalho fizeram com que o casamento não fosse mais pautado em ter filhos ou em segurança financeira; sendo assim, configura-se nova dinâmica familiar alicerçada na união por afeto, desejos e autonomia individual (Zordan, Falcke, & Wagner, 2009).

Passos (2015) e Roudinesco (2003) pontuam como o formato do casamento e da dinâmica familiar girava em torno do patriarca da família, do pai, ou seja, todo desenvolvimento emocional era marcado por esse representante. Essa configuração gerava um desequilíbrio de poder e a dependência emocional de um membro em específico, o que causava uma dificuldade na relação entre o casal e entre os filhos (Passos, 2015).

Porém, como já indicado, o modelo familiar vem se alterando cada vez mais com o tempo e apresentando novas dinâmicas e relações que não são mais depositadas em apenas um membro familiar. O pai tornou-se mais próximo da esposa e filhos, demonstrando mais sentimentos e saindo da posição de soberano, assim como a mãe adquiriu autonomia financeira e social, dividindo as funções de cuidado da casa e dos filhos (Ozório, Féres-Carneiro, & Magalhães, 2017).

Com o avanço da sociedade, tanto o homem quanto a mulher começaram a dividir de forma igualitária as funções dentro e fora de casa, e como consequência a relação conjugal do casal foi alterada. A conjugalidade pode ser descrita como uma díade conjugal, uma relação estável entre duas pessoas e se inicia com a união do casal, sendo necessária para o desenvolvimento familiar (Sousa, 2006).

A relação a dois exige equilíbrio, articulação entre a individualidade de cada cônjuge, construir uma realidade comum para ambos, porém sem abandonar suas particularidades e aprender a viver a dois (Berger & Kellner, 1964; Minuchin, 1982). Para que exista a conjugalidade, é necessário que exista o amor e a confiança, sentimentos base do relacionamento e que, por meio deles, é possível construir a relação a dois (Olttramari, 2009).

Féres-Carneiro e Diniz (2010) afirmam que a conjugalidade é construída de uma forma complexa e exige a construção de uma realidade comum. Essa construção vem de forma verbal e não verbal, da criação de novos afetos e vínculos, reformulando a realidade individual e criando uma identidade do casal (Féres-Carneiro & Diniz, 2010). Sendo assim, segundo esses autores, a conjugalidade se inicia na criação de um território em comum pelo casal, no qual existe de forma contínua o compartilhamento de experiências, vivências e afetos, e que os fatores que levaram a sua constituição sejam mantidos e continuem proporcionando esses sentimentos.

Para Bauman (2004), a relação a dois vai se tornando cada vez mais frágil como decorrência justamente da modernidade, das crescentes relações de consumo e da velocidade dos relacionamentos. Ou seja, o que se pode notar frente a isso é que os relacionamentos estão mais frágeis por conta das demandas externas à relação, em outras palavras, demandas sociais e econômicas.

Além do vínculo de conjugalidade, outra forma de vinculação organiza-se a partir da parentalidade, que pode ser definida como as funções de cuidado, proteção, educação e outras e pode ser exercida por qualquer pessoa. Configura-se, assim, numa relação entre um adulto e uma criança, não necessariamente entre pais e filhos; entretanto, a parentalidade é majoritariamente exercida pelos pais das crianças (Souza & Fontella, 2016).

A parentalidade desenvolve-se por meio do relacionamento saudável entre pais e filhos e possui como característica primordial proporcionar cuidado e desenvolvimento à criança (Rodriguez & Paiva, 2009). É a partir dela que a criança estabelece um sentimento de pertencimento familiar, filiação, autoridade e negociação, ou seja, aprende como se relacionar com um adulto em uma relação vertical (Souza, 2006).

Carvalho-Barreto (2013) afirma que existem várias denominações e definições de parentalidade, são elas: parentalidade na adoção, parentalidade em contextos adversos, parentalidade homoafetiva, relações de gênero na parentalidade e parentalidade na transição de vida. Dentre essas definições, a que mais é possível de se observar durante o isolamento social é a parentalidade em contextos adversos, que consiste em exercer a parentalidade em contextos de extrema pobreza, violência, privação de liberdade e situação de doença terminal, ou seja, em contextos que não promovam o desenvolvimento saudável (Carvalho-Barreto, 2013).

A parentalidade no contexto adverso é caracterizada pela presença de fatores e situações de risco que podem dificultar os pais de realizar tais funções e podem gerar consequências negativas ao desenvolvimento das crianças (Rodrigues, 2021). Além disso, estarem inseridos

em um ambiente com nível de estresse elevado, vulnerabilidade econômica, conjugalidade frágil e com a rede de apoio reduzida, características do isolamento social, pode gerar maior negligência dos pais (Rodrigues, 2021).

No contexto da pandemia de COVID-19, novos papéis e funções foram adotados dentro da parentalidade, com uma sobrecarga emocional para quem exerce essa função. Os pais experienciaram naquele momento um esgotamento parental e aumento do papel de educar e ensinar, entretanto, sem conseguir compartilhar tal função com outras pessoas e locais, gerando ainda mais dificuldade em exercer a parentalidade voltada a um desenvolvimento saudável (Faro, Cerqueira-Santos, & Silva, 2021).

Outra característica importante de ressaltar acerca da relação entre pais e filhos é em como a conjugalidade do casal interfere nos relacionamentos futuros de seus filhos. Scorsolini-Comin, Fontaine e Santos (2015) afirmam que o modo como os filhos percebem o relacionamento dos pais influencia nas suas escolhas afetivas, de parceiros e na construção de sua família e conjugalidade, ou seja, reflete em como os filhos se relacionarão com adultos e enquanto adultos.

Quando se fala da parentalidade, como é feita e sua necessidade para o desenvolvimento infantil, é preciso pontuar que existem funções que são realizadas, normalmente pelos pais, com a finalidade do desenvolvimento saudável. Tais funções são descritas como função materna e função paterna, que não necessariamente têm a ver com a função da mãe ou do pai, porém acabam sendo descritas de tal forma.

A função materna, comumente exercida pela mãe, pode ser descrita como uma função necessária para o desenvolvimento psíquico da criança e a sua estruturação. Winnicott (1956/2000) discorre que a função materna começa a ocorrer antes da chegada do bebê, através do desejo que o casal inserirá o filho e pelo início do investimento afetivo e emocional para com a criança (Winnicott, 1956/2000).

Quando ocorre o nascimento do bebê, ele precisa que um outro faça tudo por ele, como alimentação, proteção, cuidado, higiene, dentre outros, inserindo-se a função materna. Winnicott (1960/2011) pontua que as funções maternas necessárias nesse momento consistem no *holding*, *handling* e a apresentação de objetos que são fundamentais para as conquistas básicas do desenvolvimento infantil: a integração, a personalização e a realização (Winnicott, 1960/2011).

A função *holding*, ou sustentação, consiste na capacidade de identificação com o bebê, fornecendo os cuidados necessários de que ele precisa para o seu desenvolvimento (Winnicott, 1960/2011). Sendo assim, o *holding* está relacionado à sustentação física e emocional para o bebê, visando ao seu desenvolvimento por meio de cuidados frente às suas necessidades (Cambuí, Neme, & Abrão, 2016).

O *handling* é conceituado como um aspecto do *holding*, que consiste no manuseio físico da criança, a forma como a toca, faz carinho e demonstra emoções e sentimentos de forma física (Peixoto Júnior, 2008). Portanto, pode-se dizer que o *handling* nada mais é que o manuseio que o cuidador faz com o bebê, a forma como é tratado e acariciado (Monteiro, 2003).

Já em relação à apresentação de objetos, o cuidador designado da função materna é responsável por ir apresentando ao bebê, em pequenas doses, o mundo e tudo aquilo que existe além da relação dual, ou seja, é o início do contendo da criança com a realidade externa e a sensação de pertencimento ao mundo humano (Rocha, 2006; Cambuí, Neme, & Abrão, 2016).

De acordo com a teoria winnicottiana, todas essas funções maternas podem ser desenvolvidas por um cuidador, não necessariamente a mãe, são realizadas de forma simultânea e podem ocorrer até a vida adulta. Para além dos cuidados maternos, o desenvolvimento infantil necessita de alguém que exerça a função fraterna e familiar.

Ao discorrer sobre a função paterna, é preciso pontuar que ela é geralmente realizada pelo pai ou por qualquer pessoa que auxilie o familiar responsável pela função materna. A

entrada de tal função dependerá do cuidador primário, função materna, ao permitir que seja auxiliado durante o processo de cuidado e desenvolvimento (Winnicott, 1964/1999).

Segundo a teoria winnicottiana, a função paterna vai além da estabelecida por Freud na sua teoria do complexo de Édipo, envolve o auxílio ao cuidador responsável da criança e serve, de início, como um colo substituto, não sendo diferenciado pelo bebê (Winnicott, 1960/1983). Rosa (2009) pontua que, além de servir como um colo substituto, o responsável pela função paterna oferece um ambiente tranquilo e confortável para que ocorra a função materna, ou seja, servir de sustentação para o responsável pela díade mãe-bebê.

Outra atividade que integra a função paterna é auxiliar na separação entre o cuidador e o bebê, ou seja, fazer a retirada do responsável pela função materna e, em decorrência, começar a apresentar pequenas falhas toleráveis ao bebê, visando justamente à separação e individualização da criança (Fulgêncio, 2007). É por meio desse processo de separação que o bebê começa a experimentar aspectos paternos, como ordem, estabelecimento de limites e contenção; por meio disso, posteriormente, a criança começa a diferenciar os cuidadores e suas respectivas funções (Rosa, 2009). Percebe-se, portanto, que a função paterna é responsável pelo auxílio externo aos cuidados maternos, assim como momentos de substituição de tais cuidados, imposição de regras e afins, visando à separação da díade mãe-bebê e, por consequência, possibilitar a criança de adquirir sua identidade unitária.

Winnicott (1950/2011) pontua que, para ocorrer o desenvolvimento infantil, são necessários um lar e um ambiente estável, que forneça afeto, carinho e cuidado para com a criança. Segundo ele, a família não precisa ter conhecimento total sobre o processo de desenvolvimento do filho, apenas é preciso que seja capaz de fornecer os cuidados essenciais para que o desenvolvimento ocorra de forma saudável.

A psicanálise winnicottiana afirma que a família é o primeiro círculo amplo que em criança se relacionará após as figuras parentais, ou seja, é ali que a criança começará a se

relacionar com terceiros, como avós, tios e afins. Dias (2017) argumenta que o amadurecimento do bebê se expande em contato com sua família e que ela serve ainda como uma instância de pertencimento à criança, colocando-a como um indivíduo com um lugar no mundo.

Winnicott (1971/2019) pontua também em sua obra que, assim como as figuras parentais, a família também serve como um espelho para a criança em seu processo de desenvolvimento e que, durante tal processo, ela se vê refletida em cada familiar, o que proporciona um enriquecimento da sua personalidade. Sendo assim, cada membro da família participa do processo de desenvolvimento da criança.

Faz-se necessário indicar que a família está relacionada com a cultura, e sua forma de organização e de relacionamento está diretamente relacionada com as características da sociedade atual (Winnicott, 1957/2011). Winnicott acredita que a composição da sociedade consiste em indivíduos que alcançaram o seu desenvolvimento e, como consequência, reflete na dinâmica familiar que possui como uma de suas finalidades o desenvolvimento infantil (Winnicott, 1971/2019; 1966/1999).

Desse modo, pode-se perceber que a família exerce o papel principal no desenvolvimento infantil, sendo responsável por proporcionar o contato da criança com o mundo externo e outras relações para além da relação mãe-bebê. A família, portanto, é o primeiro grupo em que a criança é inserida e reflete as relações as quais a criança vivenciará quando adulta.

3 COVID-19 E IMPACTOS NA DINÂMICA FAMILIAR

No final de 2019, surgiu na China o coronavírus (SARS-Cov-2), que foi responsável pela pandemia da doença COVID-19. Ao discorrer sobre tal vírus, faz-se necessário pontuar que ele pertence à família *Coronaviridae*, causa infecções respiratórias, tem quadro clínico que varia de uma simples gripe até uma pneumonia e pode levar a óbito (Lima, 2020). O coronavírus apresenta alta taxa de transmissibilidade, ocasionando, portanto, muitos casos em pouco tempo.

A propagação da COVID-19 se dá justamente no contato com uma pessoa infectada por meio de apertos de mão, tosse, espirro, dentre outros. Sendo assim, por sua alta transmissibilidade e ausência de métodos de tratamento, foi instaurado o *lockdown* como medida mais eficaz para evitar a propagação do vírus (Malta et al., 2020).

O *lockdown* consistiu na medida mais eficaz e aplicada no mundo durante a pandemia da COVID-19, visto que impedia o contato entre as pessoas, principalmente entre algum indivíduo infectado e outro não. Em decorrência de tal restrição, as famílias ficaram isoladas dentro de suas casas, sem contato social com pessoas externas, sendo obrigados a trabalhar, estudar, se entreter em casa, um com o outro (Aquino et al., 2020).

A partir das restrições aplicadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde) e os governos de cada país, universidades, escolas, empresas e afins tiveram que fechar, dispensar funcionários e estudantes, alocando-os, quando possível, para o sistema de *home office* e aulas remotas. Sendo assim, as famílias ficaram isoladas de contatos sociais presenciais para além dos indivíduos residentes na casa, passando a lidar com todos os seus afazeres domésticos, de trabalho e estudo sem auxílios externos.

Destarte, percebe-se, a partir da literatura, que o isolamento social ocasionou acúmulo e sobrecarga de funções, principalmente entre os pais, e, como decorrência, o surgimento ou acentuação de transtornos psicológicos em tal população (Faro et al., 2020). Estar impedido de

sair de sua própria casa faz com que a rotina familiar se torne mais exigente e exaustiva, que várias funções sejam assumidas pelos familiares, resultando, conseqüentemente, em um aparecimento ou agravamento de transtornos psicológicos, principalmente ansiedade e depressão (Duarte, Santo, Lima, Giordani, & Trentini 2020; Ramírez-Ortiz, Castro-Quintero, Lerma-Córdoba, Yela-Ceballos, & Escobar-Córdoba, 2020).

Estar isolado acarreta vários impactos, justamente pelas diversas funções assumidas por todos os membros da família. Faro et al. (2020) pontuam que as relações familiares estão mais complexas e interligadas e apontam que um familiar que sofra uma repercussão negativa ocasionada pela pandemia poderá impactar o grupo todo. Isso ocorre exatamente pela sobrecarga do integrante com os papéis assumidos.

No que abrange o trabalho durante o isolamento social, o *home office*, é preciso levar em consideração que boa parte das empresas e afins experienciaram essa nova modalidade pela primeira vez, o que ocasiona questionamentos e adaptações nunca feitos. As famílias vivenciaram nova alteração na casa por conta de os pais estarem trabalhando, o que pode ter ocasionado impactos nesse papel social deles.

A adoção do *home office* foi implementada por cerca de 46% das empresas brasileiras e apenas acentuou a crise de desemprego e precarização do trabalho com jornadas exaustivas e sobrecarga de funções no cargo que já ocorriam no Brasil. Outro fator importante é que a adesão ao *home office* foi maior entre os trabalhadores das classes A e B, o que evidencia e colabora mais ainda com os dados acerca da desigualdade do trabalho no Brasil e de que nem todos tiveram o privilégio de ficar isolados e trabalhando de casa (Lemos, Barbosa, & Monzato, 2020).

Bridi et al. (2020) afirmam que as horas de trabalho diárias, assim como os dias da semana, aumentaram drasticamente, o que gerou menos tempo de descanso e mais demanda a ser cumprida. As famílias apresentaram dificuldades em conciliar trabalho, vida familiar e vida

pessoal, assim como a interrupção durante o expediente, o que gerou sobrecarga nos trabalhadores (Bridi et al. 2020).

Como consequência, é possível observar nos estudos o quanto a saúde mental das famílias, principalmente dos pais, sofreu consequências negativas por vários fatores do isolamento, inclusive do *home office* (Faro et al., 2020). Falcão e Santos (2021) pontuam em sua pesquisa que o trabalho em casa durante o isolamento pode gerar vários impactos negativos na família, principalmente o sentimento de exaustão, ansiedade e dificuldade de adaptação ou manutenção da nova rotina.

Faz-se necessário sinalizar que a pandemia e o isolamento social trouxeram vários impactos na família, para além do trabalho, tanto em sua dinâmica quanto nas relações. Tais repercussões ainda são novas e pouco estudadas, entretanto já é possível observar como essa alteração modificou as famílias brasileiras e no mundo todo.

Um aspecto muito presente durante todo isolamento por conta da pandemia foi o medo da contaminação e da morte, visto que a taxa de óbitos no Brasil era alta neste período. O medo da morte é algo antigo na sociedade e sempre é agravado em momentos de crises, sejam elas sanitárias, políticas ou sociais e, mesmo sendo algo instintivo do ser humano, pode ter sua natureza alterada de acordo com as circunstâncias nas quais ele se manifesta (Najar & Castro, 2021).

Mesmo sendo um processo natural do ser humano, a morte vem se tornando cada vez mais um tabu na sociedade, e o medo da perda e do luto acaba criando uma barreira no entendimento e aceitação desse processo. A morte causa o sentimento de impotência no indivíduo e, mesmo com todo o recurso disponível, ela pode vencer em algum momento (Santos et al., 2022).

O que se pode perceber em relação a isso é o quanto esse medo e sentimento de impotência se fez presente na população por conta de toda incerteza frente ao novo que a

pandemia causou. Ficou evidenciado, portanto, o medo da morte não apenas individual, mas de um membro familiar e/ou amigos, pessoas com as quais tivessem algum tipo de relação (Mendes, 2021). Meneghel, Ribeiro e Oliveira (2022) pontuam em sua pesquisa que existiu um medo concreto de morrer durante a pandemia, principalmente entre pessoas que ficaram em isolamento social, e que a perda massiva de pessoas por conta da doença trouxe, além de mais medo, a falta de expectativas em relação ao futuro.

Klein, Fegert, Huynh, Botto e Kim (2022) discorrem sobre como a pandemia impactou a população na Alemanha e afirmam que a qualidade de vida piorou quando comparada ao período anterior. De acordo com tal investigação, os problemas e impactos na qualidade de vida e nas relações familiares acumulam-se conforme o tempo de isolamento se estendeu, sendo possível ainda verificar várias consequências.

Prime, Wade e Browne (2020) colaboram com tal afirmação e sinalizam que a organização familiar e sua comunicação são prejudicadas quando os familiares estão inseridos e vivenciando um ambiente com a predominância do sentimento da angústia. Os referidos autores argumentam que a rotina familiar, funções pragmáticas e utilitárias foram extremamente abaladas ao ponto de comparar tais efeitos com consequências vistas na Segunda Guerra Mundial (Prime et al., 2020).

Quando pontuado sobre as alterações nas relações familiares, a parentalidade torna-se um aspecto importante de ser investigado, visto que é categorizada como uma função de alta pressão a ser executada (Olari, Cho, Li, & Bautista, 2022). O que se pode perceber é que o isolamento social ocasionado pela pandemia acabou aumentando os níveis de esgotamento parental e, conseqüentemente, impactando em tais práticas, gerando um aumento na punição corporal, disciplinas inconsistentes e dificuldade em se relacionar com a criança (Griffith, Bedard, Eaton, Ackerlund Brandt, & Jha, 2022).

De acordo com tais autores, a pandemia ocasionou um efeito manada, ou seja, eventos que levaram ao aumento das demandas impostas aos pais e, conseqüentemente, ao esgotamento deles. Esse desequilíbrio entre demandas e riscos, e recursos e proteção faz com que os pais experienciem cansaço e dificuldade em exercer as práticas parentais (Griffith et al., 2022).

Outro aspecto que pode repercutir na parentalidade é a necessidade de tentar equilibrar as funções e papéis assumidos durante o isolamento. A dificuldade em encontrar esse equilíbrio é aumentada justamente por não possuir nenhum apoio e suporte externo para que isso ocorra; sendo assim, os pais acabam assumindo várias funções ao mesmo tempo ou passando funções para os filhos realizarem na busca de equilibrar e diminuir a sobrecarga (Sheen et al., 2021).

Giannotti, Mazzoni, Bentenuto, Venuti e Falco (2021) discorrem sobre a coparentalidade e o estresse causado pelas restrições da pandemia e afirmam que a restrição gerou um aumento no sofrimento psicológico tanto dos pais quanto dos filhos. Outro dado levantado pela pesquisa sinaliza que a mãe apresenta um nível de estresse e esgotamento muito maior, devido, em muitos dos casos, ao fato de ser a principal cuidadora da criança (Giannotti et al., 2021).

De acordo com Strzelecki, Moloney, Brooks e Weafer (2022), a pandemia agravou os quadros de insônia e qualidade de sono dos cuidadores de crianças, assim como os sintomas depressivos. Outra consequência relevante para os cuidadores foi o aumento do uso do álcool apenas para esse grupo, o que levanta a hipótese de possuírem maior risco de danos e comportamentos negativos para com a própria vida em momentos de crises e aumento do estresse (Strzelecki et al., 2022).

O isolamento social gerou várias consequências na relação dos pais com seus filhos, assim como agravamento e surgimento de transtornos psicológicos. Pode-se perceber, portanto, que as relações familiares e sua dinâmica foram permeadas por tais impactos e, possivelmente, gerado sofrimento para todos.

De acordo com Sheen et al. (2021), a dinâmica familiar foi tão impactada, que os pais precisaram negociar como dividir a casa para que o casal, assim como os filhos, pudesse dar conta de suas demandas de trabalho e estudo. A rotina da família também sofreu consequências majoritariamente negativas, visto que alguns rituais de diversão e vínculos tiveram que ser interrompidos (Sheen et al., 2021).

Com todos em casa e a rotina alterada, um aspecto que apresenta bastante impacto, principalmente nas crianças, é a nova forma de aprendizagem e estudo. O ensino remoto fez com que as crianças tivessem aulas por meio digital. O que antes ocorria de forma muito rara passou a ser a única forma de aprendizado possível no isolamento, ocasionando toda uma reorganização familiar e uma demanda de auxílio dos pais.

O processo de aprender da criança se tornou umas das principais preocupações das instituições de ensino, pais, professores etc., justamente por conta do novo modelo de ensino e aprendizagem, que evidenciou as dificuldades já existentes (Niz & Tezani, 2021). Segundo essas autoras, as escolas não estavam preparadas para essa situação, o que custou sobrecarga dos professores e, conseqüentemente, dos pais, que precisaram atuar para além de um auxílio, mas como educadores (Niz & Tezani, 2021).

Cury (2020) aponta que este período de aulas remotas trará várias consequências negativas de perdas e danos para os alunos, não apenas no processo de aprendizagem, mas em trocas afetivas com o outro. Esse afastamento pode gerar impactos no desenvolvimento infantil, na saúde física e mental das crianças, assim como no aspecto cognitivo (Fonseca, Sganzerla, & Enéas, 2020).

Silva e Silva (2022) afirmam que o potencial da criança está diretamente ligado às experiências que ela tem nos anos iniciais e que as falhas nesse período podem dificultar o seu desenvolvimento em vários âmbitos. Segundo essas autoras, o ensino remoto trouxe impactos

no desenvolvimento físico, psicológico e social das crianças, assim como evidenciou desigualdades sociais e financeiras (Silva & Silva, 2022).

Vargas (2020) afirma que a dinâmica familiar sofre alterações em decorrência dos impactos da pandemia, principalmente o financeiro. O referido autor pontua que a comunicação entre o casal e com os filhos pode ser comprometida, assim como o nível de irritabilidade aumentar, com o surgimento ou agravamento de violência verbal e física (Vargas, 2020).

Pressupõe-se então que, em decorrência do isolamento, a vítima fique mais exposta ao seu agressor, o que colabora para o aumento das formas de violência e uma possível baixa de denúncias (Marques, Moraes, Hasselmann, Deslandes, & Reichenheim 2020). O isolamento e a exposição maior entre vítima e agressor impedem a criação ou fortalecimento de redes de apoio, o que acaba dificultando mais ainda o rompimento dos casos de violência, assim como sobrecarga e exploração (Marques et al., 2020).

Os estudos realizados até o presente momento apontam a renda familiar como um grande gerador de sofrimento e alterações nas relações familiares durante o isolamento social. Estudos sugerem que famílias de baixa renda ou que perderam o emprego durante a pandemia tiveram maiores impactos negativos quando comparadas com famílias numa posição socioeconômica superior.

Kerr, Fanning, Huynh, Botto e Kim (2021) discorrem sobre como os impactos psicológicos e estresse em pais e crianças são mais presentes em famílias de baixa renda. As consequências do isolamento na renda da família podem impactar os pais e, conseqüentemente, as crianças, ou seja, a pandemia acentuou e explorou as desigualdades sociais já existentes e trouxe mais sofrimento para tais famílias (Kerr et al., 2021).

O impacto financeiro nas famílias de baixa renda se sobressai aos impactos em famílias com rendimentos superiores, e isso reflete justamente nas relações dentro de casa e em como vão se organizar. Kerr et al. (2021) ainda ponderam que os recursos financeiros da família

alteraram a percepção e o impacto da pandemia por conta da falta de acessibilidade de uma rede de apoio e, em alguns casos, a impossibilidade do *home office*.

De acordo com Barboza, Marttila, Burström e Kulane (2021), as famílias viveram um período de insegurança sobre o que aconteceria, assim como instabilidade financeira e de suas moradias durante o isolamento social. As referidas autoras ainda defendem que a insegurança financeira se torna uma preocupação muito frequente entre as famílias visto que a maioria depende financeiramente de uma única renda e que o acesso ao mercado de trabalho formal tornou-se mais difícil durante a pandemia (Barboza et al., 2021).

Kamp et al. (2023) discorrem sobre como as mesmas medidas adotadas no isolamento social podem afetar de forma diferente famílias de baixa e alta renda e trazem um novo recorte social: famílias com baixo e alto grau de escolaridade. Tais autores pontuam que a mesma medida impactou e foi percebida de forma totalmente diferente nas famílias entrevistadas e mostra que as famílias com baixa renda e escolaridade foram impactadas de forma negativa nos aspectos psicológicos, sociais e econômicos (Kamp et al., 2023).

O que se pode perceber a partir das poucas investigações realizadas sobre os possíveis impactos nas relações e dinâmica das famílias é o quanto a questão socioeconômica é um fator predominante nas consequências para as mesmas medidas e alterações. Portanto, faz-se relevante compreender que famílias em posição socioeconômica privilegiada apresentam menos impactos negativos e mais positivos quando comparadas com famílias em maior situação de vulnerabilidade econômica.

Outro aspecto importante a se considerar acerca de maiores consequências negativas em famílias de baixa renda é o tempo que durou a pandemia e o isolamento social, visto que quanto mais tempo dentro de casa, maior a falta de recursos financeiros. Perrigo, Samek e Hurlburt (2022) apontam que as famílias com renda desfavorecida apresentavam, no início do

isolamento, resiliência e recursos necessários para o enfrentamento desse período, porém os recursos podiam mudar e, principalmente, diminuir conforme se estendeu o isolamento social.

Além do elemento *renda*, Khanijahani, Iezadi, Gholipour, Azami-Aghdash e Naghibi (2021) adicionam *raça* e *etnia* como fatores agregadores de sofrimento durante o isolamento social e argumentam que antes da pandemia já existia discrepância para tal população no acesso a trabalho, moradia e recursos da saúde e que, durante o isolamento, essa divergência aumentou. Segundo os autores, os grupos étnicos raciais apresentam probabilidade muito maior de serem infectados pela COVID-19 e virem a óbito, sem contar os impactos psicológicos (Khanijahani et al., 2021).

As pesquisas revelam também a diferença dos impactos em relação ao gênero do familiar, ou seja, em casais cisgêneros os impactos negativos predominaram no gênero feminino (Sheen et al., 2021). Tais autores pontuam em sua pesquisa que as participantes femininas sentem sobrecarregadas com a junção do trabalho, cuidado com filhos e afazeres domésticos e afirmam que isso ocorre justamente pelo patriarcado e a ideia de que tais trabalhos são de responsabilidade das mulheres (Sheen et al., 2021).

Acerca dos impactos negativos perante a sociedade, o Estado e o poder político exerceram papel crucial em relação ao sentimento de insegurança, medo e pânico na população. No Brasil, as medidas para contenção da propagação da COVID-19 foram amplamente desencorajadas e criticadas pelo presidente da época, Jair Bolsonaro, assim como a alta disseminação de *fake news* em relação à doença e à vacinação (Barcelos et al., 2021).

Duarte e César (2020) afirmam que o discurso negacionista de Bolsonaro não foi algo repentino, mas, sim, algo consciente e que a falta de planejamento para o enfrentamento do vírus, assim como a demora e a não estimulação para a vacinação, ocorreram por vontade do então Presidente. O que se teve no Brasil, portanto, foi uma politização do vírus, do acesso à saúde e da vacina, o que ocasionou divergências entre os poderes, fazendo com que a população

ficasse em dúvida sobre o que fazer para se prevenir, gerando insegurança e ansiedade (Duarte & César, 2020).

O medo e a insegurança, juntamente da incerteza, estão interligados e existentes na sociedade há bastante tempo; com a pandemia da COVID-19, ocorreu uma ampliação desses sentimentos (Najar & Castro, 2021). Segundo esses autores, o Brasil vive, há décadas seguidas, numa condição de crise e de emergência, que foi apenas acentuada durante a pandemia, expondo, para além de uma crise sanitária, uma crise política e social.

Benghozi (2022) discorre em sua obra sobre o conceito de *metagarantia*, que, segundo ele, consiste em garantir uma proteção psíquica segura para o outro e que deve ser realizada pelas instituições, como o Estado. Para ele, a metagarantia visa garantir cuidado a um outro vulnerável, fornecendo segurança dos laços sociais e sua existência (Benghozi, 2022).

Quando fornecida pelo Estado, a metagarantia deve proporcionar à população proteção, liberdade, segurança, integridade e, principalmente, saúde. Entretanto, no caso da COVID-19 no Brasil, Benghozi (2022) afirma que houve um fracasso no exercício da metagarantia por conta do governo Bolsonaro, o qual não promoveu a proteção à saúde da população, gerando como consequência milhares de mortos. Portanto, pode-se perceber que os sentimentos negativos, a ansiedade e a insegurança sentidos pela população brasileira estiveram relacionados com a falta de proteção do Estado.

Faz-se necessário compreender também que algumas pesquisas realizadas nesse período levantaram como resultados impactos positivos ocasionados pelo isolamento, como melhora na relação entre o casal, com os filhos, na dinâmica familiar por completo, assim como na valorização da liberdade. Porém, o que se pode perceber por meio desses resultados é que eles não aparecem em pesquisas com famílias de baixa renda, levantando a hipótese de que apenas famílias privilegiadas economicamente apresentaram tais consequências positivas.

Chua, Schwartz, Towner, Kasparian e Callaghan (2021) afirmam que muitos pais revelaram algum tipo de gratidão pela pandemia, pontuaram que conseguiram desenvolver um maior vínculo com os filhos e observaram melhora na relação familiar. Argumentam igualmente que os pais se sentiram felizes ao notar a capacidade de adaptação dos seus filhos, assim como ao fato de passarem mais tempos juntos com eles e possuírem um espaço, casa, com capacidade para os afazeres de todos (Chua et al., 2021).

A pesquisa realizada por Morse et al. (2022) visou verificar aspectos positivos e negativos da pandemia na área da educação infantil e seus possíveis impactos. Os pais relataram a existência de ambas as consequências na educação das crianças, entretanto focalizaram os resultados positivos como maior proximidade com os filhos e um aprendizado mais tranquilo e seguro em casa (Morse et al., 2022).

O isolamento serviu para aproximar os pais com seus filhos, colocando-os em maior proximidade e permitindo que criassem vínculos e experiências com as crianças, principalmente no aspecto da educação (Morse et al., 2022). A investigação apontou também que os pais se sentiram bem durante o isolamento, pois puderam participar mais ativamente do processo de aprendizagem dos filhos e estarem imersos naquilo que as crianças estavam aprendendo.

Bülow, Keijsers, Boele, Van Roekel e Denissen (2021) trazem em sua pesquisa que no começo do isolamento social as relações familiares, principalmente entre pais e adolescentes, apresentaram dificuldades para proporcionar autonomia para os filhos durante suas escolhas e ações. Todavia, o estudo afirma que os pais conseguiram melhorar a relação com os filhos no decorrer do isolamento e pontuam que foi possível criar uma boa adaptação familiar em tal período (Bülow et al., 2021).

Ainda discorrendo sobre os impactos positivos que o isolamento social pode causar nas relações familiares, Ribeiro (2021) afirma que as condições de conforto de cada família ocasionam diferença nas consequências da pandemia. Ou seja, famílias com uma casa mais

confortável, com menos exposição a problemas físicos e financeiros, apresentaram impactos positivos na saúde física e psicológica (Ribeiro, 2021).

Sendo assim, pode-se perceber que o isolamento social ocasionado pela pandemia da COVID-19 gerou vários impactos às famílias, tanto de forma positiva quanto, principalmente, negativa. Além disso, foi observado o quanto a renda, a etnia e o gênero foram fatores extremamente importantes e relevantes para pontuar quais consequências as famílias sofreram e a forma como a dinâmica familiar foi alterada.

Outro aspecto importante de pontuar é a falta de pesquisas empíricas acerca dos impactos com a população brasileira e a necessidade da realização de tais estudos, visto que as consequências no Brasil não são tão claras e exploradas, ainda mais tendo em vista se tratar de um país com uma população majoritariamente negra e numa posição socioeconômica vulnerável se comparado aos países nos quais os referidos estudos foram desenvolvidos.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL:

Investigar aspectos concernentes à dinâmica familiar durante o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar mudanças na relação familiar advindas do isolamento social gerado pela pandemia em casais com filhos a partir de sete anos que tenham realizado *home office*.

- Refletir sobre problemáticas decorrentes da situação de isolamento social, concernentes ao relacionamento familiar e desenvolvimento dos filhos.

5 MÉTODO

Esta pesquisa possui como base a pesquisa qualitativa de caráter exploratório e utiliza-se da estratégia de análise de conteúdo temática. A pesquisa qualitativa visa a um aprofundamento na compreensão de um fenômeno social derivado de um grupo, organização e afins e busca explicar os seus porquês (Gerhardt & Silveira, 2009). Tal método preocupa-se justamente com fatores da realidade que não podem ser mensurados numericamente e trabalha com significados, interpretações e busca compreender, entender e explicar tais fenômenos (Minayo, 2001).

O caráter exploratório da pesquisa qualitativa está relacionado com o seu objetivo. Segundo Gil (2007), a pesquisa exploratória visa proporcionar familiaridade com o problema, aprimorar as ideias levantadas e construir hipóteses acerca dos fenômenos estudados. Em relação à análise de conteúdo temática, os dados foram analisados de acordo com os temas que surgiram nas entrevistas, ou seja, o conteúdo em comum que esteve presente nas entrevistas realizadas (Braun & Clarke, 2006).

5.1 PARTICIPANTES

A priori, a pesquisa contaria com a participação de três a cinco casais que possuíssem apenas um filho entre sete e doze anos de idade, de Londrina e região, e que estiveram em *home office* durante o isolamento social. Entretanto, por conta das dificuldades encontradas para localizar tais participantes, os critérios foram alterados.

Portanto, os participantes da pesquisa consistem em três casais que possuíam pelo menos um filho entre sete e doze anos de idade, da cidade de Londrina e/ou região, e que no mínimo um dos cônjuges do casal tenha ficado de *home office* por algum período do isolamento. Os critérios para exclusão de tais participantes consistem em casais que apresentassem

transtornos mentais diagnosticados e que implicassem em consequências para a dinâmica familiar, inviabilizando a compreensão acerca do impacto específico do isolamento social na dinâmica familiar.

Foi criada uma tabela com os dados gerais de ambos os casais para fazer uma categorização e comparação de forma ampla, com a finalidade de observar as semelhanças e discrepâncias entre ambos.

Tabela 1.
Categorização dos casais entrevistados

Características	CASAL 1		CASAL 2		CASAL 3	
	Paula	Pedro	Amanda	Gustavo	João	Sílvia
Idade	45	39	47	57	41	36
Raça	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca	Branca
Faixa Salarial	14 salários	15 salários	3 salários	2 salários	2 salários	0 salário
Trabalho	Professora Universitária	Representante Comercial	Professora Municipal	Motorista Autônomo	Corretor Imobiliário	Do lar
Filho	1	1	2	2	3	3
Idade do filho			13 e 21	13 e 21	11, 7 e 4	11, 7 e 4

Fonte: Autor

5. 2 PROCEDIMENTOS

Foi realizada a divulgação da pesquisa por meio das redes sociais com a finalidade de localizar os casais interessados para, posteriormente, entrar em contato e disponibilizar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B). A coleta de dados poderia ocorrer na casa dos participantes, ou em locais por eles indicado, em horário previamente estabelecido entre ambas as partes, e foi dividida em duas etapas, sendo uma com os participantes e uma sem eles. Em uma das situações, optou-se pela coleta de dados realizada de forma *on-line*, por meio do *Google Meet*.

O primeiro procedimento consistiu na entrevista semiestruturada (ANEXO A), que possuía como objetivo coletar dados acerca da dinâmica familiar durante o *home office* ocasionado pelo isolamento social. Foi marcado um encontro entre o pesquisador e o casal para a realização da entrevista, momento no qual foi informado novamente acerca dos objetivos da pesquisa e da gravação de toda a presente etapa, informações previamente comunicadas pelo TCLE. Nesse processo, foram feitas as perguntas presentes no Anexo A e conversado acerca dos assuntos que surgiram.

O segundo e último procedimento realizado na pesquisa foi a escrita do diário de campo. Durante toda a coleta de dados, foram produzidas anotações acerca dos conteúdos surgidos durante os procedimentos, assim como as impressões, observações e interpretações do pesquisador sobre o que foi vivenciado.

5. 3 INSTRUMENTOS

Os instrumentos selecionados para a coleta de dados com os casais consistiram na entrevista semiestruturada e o diário de campo. A entrevista semiestruturada consistiu em realizar algumas perguntas predeterminadas, com embasamento teórico de acordo com o tema da pesquisa, que poderiam dar espaço para novos questionamentos advindos das respostas dos entrevistados. Esse método proporciona elaborar um roteiro com perguntas principais relacionadas ao tema pesquisado, porém possibilitando uma abertura para o complemento de novas informações (Manzini, 2004).

De acordo com Boni e Quaresma (2005), a entrevista semiestruturada assemelha-se a uma conversa informal por conta da possibilidade de discorrer sobre conteúdos além daqueles claramente indicados nas perguntas estabelecidas. Para os referidos autores, essa modalidade de coleta de dados permite uma cobertura mais profunda acerca do tema estudado, assim

como uma troca mais afetiva entre entrevistador e entrevistado. Portanto, é capaz de favorecer respostas espontâneas e aspectos afetivos acerca do objeto de estudo (Bonis & Quaresma, 2005).

Além da entrevista semiestruturada já citada, foi empregado o diário de campo como ferramenta, após entrevista, para interpretações acerca das interações entre o pesquisador e o casal. O diário de campo é um instrumento de anotações utilizado com a finalidade de registrar aquilo que foi observado e percebido durante a atuação do pesquisador, assim como os fatos ocorridos durante as observações (Freitas & Pereira, 2018). De acordo com Falkembach (s/d), o uso do diário de campo possui como uma das finalidades a interpretação dos fatos e fenômenos observados e o auxílio no processo de coleta de dados.

5. 4 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Estadual de Londrina CAAE nº 60071922.7.0000.5231, tendo sido aprovado com parecer nº 5.583.969. A coleta de dados foi realizada após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com as entrevistas tendo sido gravadas e posteriormente transcritas.

5. 5 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo temática que, de acordo com Braun e Clarke (2006), consiste em um método para identificar, analisar e relatar temas dentro dos dados coletados. Essa análise não está associada a uma linha teórica preexistente, podendo serem utilizadas diferentes teorias, o que possibilita uma análise mais

flexível e um fornecimento maior de dados (Braun & Clarke, 2006). Sendo assim, a análise foi efetuada de acordo com os temas que apareceram durante a coleta dos dados por meio da teoria psicanalítica, empreendendo uma análise horizontal de cada caso estudado e, por último, uma análise vertical dos achados gerais acerca de cada casal.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 3 casais que se enquadravam nos critérios de inclusão, de forma voluntária e apresentaram em seu discurso como a pandemia alterou suas relações e a dinâmica da família. A fim de preservar a identidade dos casais e manter o sigilo, os nomes apresentados foram alterados em relação aos nomes reais sem prejudicar os dados levantados e relevantes para a presente pesquisa. Pode-se perceber que todos os participantes possuem idades próximas entre si e todos são brancos, o que levanta uma discussão sobre raça e etnia.

De acordo com Khanijahani et al. (2021), raça e etnia são recortes necessários de serem abordados justamente por conta do maior impacto que pessoas pretas e indígenas sofreram durante a pandemia em decorrência de toda a desigualdade social presente no Brasil. Todavia, esse tema não foi abordado visto que os participantes não se enquadram nesses recortes.

Mesmo com todas as mudanças da sociedade frente aos modelos de família na atualidade, todos os casais participantes da pesquisa se enquadram no padrão de família nuclear, ou seja, constituído de pai, mãe e um ou mais filhos. Roudinesco (2003) afirma que os modelos de família vêm sofrendo alterações de acordo com os avanços da sociedade, como a entrada da mulher no mercado de trabalho e os casamentos homoafetivos, por exemplo, entretanto ainda permanece o modelo nuclear de família.

Cada entrevista foi descrita de forma individual para compreender, a princípio, de forma única os conteúdos surgidos para, posteriormente, serem analisados por meio da análise de conteúdo temática. Visando contemplar melhor apreciação dos dados coletados nas entrevistas, serão apresentadas as entrevistas de forma individual num aspecto geral e, posteriormente, analisadas as categorias emergidas a partir das respostas.

6.1 CASAL 1

O primeiro casal a ser entrevistado é composto por Paula e Pedro, que possuem uma filha, Júlia, e chegaram até o pesquisador por meio da técnica da bola de neve. A entrevista foi realizada via *Meet* por dificuldade de agendar um horário de forma presencial, entretanto o termo de consentimento foi entregue de forma física.

Paula é professora universitária, enquanto Pedro é representante comercial, ambas as profissões permitiram com que eles ficassem por um período de *home office*, principalmente Paula. No início, a adaptação para ambos foi difícil por conta das novas tecnologias, mudanças nas vendas e nas aulas, porém afirmam que conseguiram se adaptar bem.

A família mora em um condomínio fechado, algo que favoreceu o seu isolamento e menor contato com outras pessoas. Paula e Pedro pontuam que morar no condomínio fez com que eles conseguissem se isolar mais, ter mais eficiência no processo de higienização própria e de tudo que entrava na casa. Além disso, conseguiram fazer amizade com outros vizinhos que também estavam isolados, criando momentos de interação para superar o momento.

Outro aspecto levantado pelo casal durante a entrevista foi sobre o seu privilégio socioeconômico e como isso impacta a capacidade de ficarem isolados, trabalhando de casa e não tendo contato com outras pessoas. Falam sobre as preocupações que tiveram com alguns familiares que não puderam parar de trabalhar, que pegavam transporte público e reconhecem que sua condição financeira permitiu que ficassem seguros o máximo que puderam.

Paula e Pedro afirmam que a maior dificuldade que tiveram durante o isolamento e a pandemia foi se adaptarem ao *home office*, principalmente a Paula. Ela afirma que no começo era difícil estabelecer uma rotina de trabalho, pois os horários estavam bagunçados, várias demandas novas e sem saber como seguir com suas funções. Pedro relata que para ele foi mais tranquilo, seu trabalho exigia mais do *WhatsApp* e que a dificuldade maior que tiveram era de lidar com os dois trabalhos mais as aulas da Júlia, o que fez com que eles dividissem os espaços da casa para cada um poder fazer suas coisas.

Pôde-se observar, durante toda a entrevista, uma postura mais dominante de Paula em comparação ao marido Pedro, tanto na iniciativa das falas, como a forma imponente e clara que dizia sobre tudo o que aconteceu. Esse fator é possível de observar também no conteúdo da entrevista, quando é pontuado que ela sofreu mais com o *home office* e que seu trabalho exigia mais espaço que o dos outros membros da casa.

Entretanto, diferentemente dos outros casais, as falas foram mais equilibradas, com Pedro também pontuando sobre o isolamento e impactos, algumas vezes interrompendo a fala de Paula e vice-versa. Tal equilíbrio fica perceptível também na organização da família durante o isolamento, quando dividiram as funções e respeitaram o espaço um do outro

6. 2 CASAL 2

O segundo casal entrevistado foi Amanda e Gustavo, que possuem dois filhos, Juliana e Gabriel, moradores de um município de menor porte e chegaram até o pesquisador por já se conhecerem antes de a pesquisa ser realizada. A entrevista foi realizada presencialmente na casa do casal.

Amanda é professora concursada de duas cidades próximas, dando aula para duas turmas do Ensino Fundamental I, enquanto Gustavo é motorista autônomo, profissões totalmente diferentes e que foram impactadas de forma divergente durante a pandemia. Amanda pôde ficar de *home office*, dando aula *on-line* e indo para escola apenas para entregar atividades para os pais das crianças. Em contrapartida, Gustavo continuou trabalhando normalmente, sem poder se isolar e ficando em casa apenas quando testou positivo para COVID-19.

Em relação a permanecer em casa, Amanda pontua que gostou muito de ficar com os filhos, que pôde ficar mais próxima, cuidar deles, conseguiu exercer seu papel de mãe, além de ter mais tempo para si mesma e fazer coisas que gostava, como ler. Já Gustavo não pôde ficar em casa por ser autônomo, então ficou feliz por a esposa e os filhos ficarem mais próximos.

Entretanto, estava com medo de ser contaminado e contaminá-los ou a seus pais, que também moram no sítio.

Sobre o trabalho, Amanda relata que foi muito difícil o *home office*, pois acabou trabalhando em excesso, além do seu horário, ficando à disposição total das duas escolas, mesmo que fosse além do seu expediente. Argumenta também sobre ter dificuldade para se adaptar aos programas e com a internet, assim como afirma que os impactos da pandemia para os alunos foram muitos, de difícil superação e indica que não sabe como lidar com a defasagem de aprendizagem que seus alunos estão apresentando. Relata crises fortes de ansiedade após voltar a trabalhar presencialmente.

Para Gustavo, o seu medo em relação ao trabalho era ficar contaminado e contaminar sua família, pois não tinha como ficar isolado em *home office*. Ele afirma que sua rotina não mudou muito, apenas os cuidados de higiene quando chegava em casa, mas que pôde perceber a mudança na relação de Amanda com os filhos, assim como seu cansaço e preocupação no trabalho.

O casal sinaliza que, mesmo não conseguindo ficarem todos isolados, reconhece o privilégio financeiro que possuem frente a outras famílias e que isso ajudou para que eles ficassem mais protegidos, mesmo sendo contaminados. Gustavo fala sobre o medo que tinha de contaminar a família e que ficou mal quando isso ocorreu, porém todos entenderam que era um risco e que não tinha como evitar.

Ambos pontuam sobre como tiveram medo da morte nesse período e afirmam que, mesmo sabendo da existência, nunca a sentiram tão próxima, o que gerou bastante medo em ambos. Tinham noção dos impactos e da gravidade da pandemia, e isso fez com que o medo de serem contaminados e morressem tenha sido muito grande, algo que aumentou após perderem um parente muito próximo de forma abrupta.

Durante a entrevista, Gustavo quase não falou, pontuando apenas informações básicas

ou concordando com Amanda, demonstrando, assim como no conteúdo da sua fala, afastamento da família, sua rotina e dinâmica. Amanda, por sua vez, se fez muito presente na entrevista, em alguns momentos tentou colocar Gustavo na conversa para que ele falasse sobre o que percebeu e sentiu.

A postura de maior presença de Amanda durante a entrevista ressalta o que foi dito sobre o acúmulo de funções que ela teve durante o isolamento, tendo que trabalhar além do seu horário, cuidar da casa, dos filhos e seus estudos, assim como tentar tirar um tempo para si. É perceptível, durante toda a entrevista, a ausência do marido na realidade da família e como ele usa do trabalho para se justificar.

6. 3 CASAL 3

O terceiro casal entrevistado foi João e Silvia, moradores de uma cidade próxima a Londrina, que possuem três filhos, Carol de 11 anos, Fernanda de 8 e Antônio de 2; chegaram ao pesquisador por meio da técnica de bola de neve, ou seja, indicados pelo casal 2. A entrevista foi realizada na casa do casal sem a presença dos filhos.

João é corretor imobiliário em Londrina e trabalha também com a venda de consórcios, enquanto Silvia se intitula como do lar, sem trabalho; fica responsável apenas por cuidar da casa e dos filhos, e faz alguns trabalhos esporádicos. No *home office*, relatam que foi necessária bastante adaptação da família, principalmente por conta das crianças, que frequentavam a escola em etapas diferentes.

Para João, o trabalho foi extremamente difícil, pois, na época do isolamento, trabalhava apenas com a venda de consórcios, o que ele afirma ter diminuído muito nesse período, dificultando a situação financeira da família. Ele pontua durante a entrevista que, no isolamento, começou o curso de corretor, o que acabou exigindo muito do seu tempo e de Silvia nos cuidados com as crianças.

Para ela, o isolamento foi difícil pois acabou assumindo mais responsabilidades na casa

para ajudar o marido e conseguir permitir com que ele trabalhasse e estudasse, ficando mais responsável pelo cuidado das crianças. Silvia afirma que as crianças sofreram muito nesse período, principalmente Carol, por ser a mais velha, por ter noção do que estava acontecendo e por gostar muito de estudar e ir à escola.

Ambos os membros do casal afirmam que cuidar das crianças exigiu muito deles por conta do processo de ensino e aprendizagem, pois não estavam mais no papel de auxiliar a escola, mas sim eram os responsáveis por educar dentro de casa. Pontuam que Carol reclamava muito sobre as atividades da escola e ficava muito ansiosa, ao ponto de ter crises de ansiedade e começar a fazer terapia.

Silvia e João falam do quanto o sentimento de insegurança se fez presente durante o isolamento, tanto por medo da contaminação e possível morte quanto no aspecto financeiro, visto que indicam que sofreram dificuldades financeiras e que receberam apoio dos familiares, amigos e da igreja, pois não conseguiam trabalhar. Outro ponto de sofrimento foi a morte precoce de sua sobrinha Bianca, que faleceu inesperadamente por conta da COVID-19.

O casal fala sobre como foi difícil lidar com esse luto, pois na hora precisaram ser fortes, mas depois foi dando saudade e o sofrimento foi ficando mais forte. Eles relatam que o medo da morte sempre foi presente, mas que estava de certa forma longe. Entretanto, com a morte de Bianca, a insegurança se fez mais presente entre a família, porém conseguiram superar tanto esse momento quanto a pandemia por completo, por meio da fé.

João é pastor e Silvia o auxilia no ministério pastoral, ou seja, ambos cuidam de uma igreja e, durante a pandemia, conseguiram se adaptar em fazer cultos *on-line*, sem fazer visitas presenciais e seguindo as medidas de segurança. Pontuam que a fé em Deus foi muito importante para eles, pois os confortava, trazia segurança e amparo de que tudo tinha um propósito e que Deus cuidaria deles.

Afirmam também que reconhecem todo o impacto negativo da pandemia, porém

percebem que ela serviu para algo positivo, para trazer união e cuidado entre as pessoas e nas famílias. Esse momento foi sentido como de aprendizado e amadurecimento das pessoas mesmo que por meio de algo ruim e que causou sofrimento. Falam também sobre como o isolamento e a instabilidade financeira fizeram com que eles refletissem sobre a necessidade de procurar uma estabilidade para a família e que pessoas com mais dinheiro sofreram bem menos e não tiveram tanta insegurança quanto eles tiveram.

Em relação ao processo da entrevista, foi perceptível a incoerência do discurso do casal com a postura deles durante a conversa com o pesquisador. Eles afirmaram que a família é muito unida e que isso aumentou durante a pandemia, que havia divisão na casa, porém a esposa quase não fala durante as perguntas, pontuando coisas bem básicas e deixando o espaço para o marido, mesmo afirmando que teve mais funções durante o isolamento.

Outro ponto muito perceptível na entrevista foi o discurso da fé e da gratidão acerca do que houve na pandemia; tudo tinha um porquê relacionado a Deus e de como isso serviu de aprendizado para todos. Mesmo reconhecendo o sofrimento e os impactos, pode-se notar um discurso fundamentalista da religião. Mesmo com o luto da morte de um familiar próximo, colocam a pandemia como um momento de aprendizado à sociedade e de crescimento pessoal e espiritual, demonstrando novamente o peso do discurso religioso.

Tendo em vista a apresentação inicial do material advindo das entrevistas, parte-se para a apresentação e discussão das categorias delineadas por meio da análise de conteúdo temática. Foram delimitados temas que surgiram nas três entrevistas realizadas e que apareceram de várias formas no discurso dos casais. O uso dessa técnica permitiu identificar temáticas que apareceram na fala dos três casais de forma divergente, o que evidencia como o isolamento trouxe percepções e impactos diferentes no mesmo aspecto.

Os temas que apareceram em todas as entrevistas de forma incisiva foram selecionados para uma análise mais aprofundada, quais sejam: sentimento de insegurança e medo da morte,

ensino remoto, relação com o trabalho, impacto financeiro, impacto psicológico e aproximação familiar. Optou-se por organizá-los em dois grandes grupos: 1) impactos dentro da casa e 2) impactos fora da casa, visto que os temas levantados podem ser divididos em conteúdos originados dentro da casa e conteúdos que vieram do exterior da casa.

6.4 IMPACTOS DENTRO DA CASA

Os temas que surgiram nas entrevistas apontam os impactos que as famílias sofreram durante o isolamento, sejam eles positivos ou negativos e, quando analisados, pode-se perceber que algumas temáticas apontavam para as consequências dentro da casa, ou seja, impactos que as famílias sofreram, majoritariamente relacionadas ao isolamento social. Os temas deste grupo são o sentimento de insegurança e medo da morte, impactos psicológicos e aproximação familiar.

6.4.1 SENTIMENTO DE INSEGURANÇA E MEDO DA MORTE

O sentimento de insegurança esteve presente no discurso dos três casais durante toda a entrevista e se manifestou por meio do medo da contaminação, de não saber se estavam ou não seguros, sobre os outros familiares, insegurança em relação ao trabalho, ao cuidado, saúde e bem-estar dos filhos e, principalmente, o medo da morte, ou seja, sobre todas as mudanças proporcionadas nesse período.

Barboza, Marttila, Burström e Kulane (2021) afirmam em sua pesquisa que, durante o isolamento social, as famílias vivenciaram vários sentimentos de insegurança, o que fica evidente na fala de João: “É um misto de sentimentos sabe eu particularmente assim, a gente... eu vivenciei assim um misto de insegurança mesmo dentro de casa com segurança”. Essa fala mostra como a insegurança apareceu de várias formas e, mesmo estando isolados, o novo

causou medo.

O isolamento social durante a pandemia não foi o responsável exclusivo do sentimento de insegurança dos casais; pode-se perceber na fala de Pedro que o seu medo vinha justamente de não saber se a forma como estavam se protegendo era eficaz. Ele afirma na entrevista que

Na realidade, assim, todo mundo no começo ficou muito apreensivo, né. Quando a pessoa fica muito isolada, ela sente muitas frustrações, ela fica muito presa dentro do mundo, né? E eu, como saía antes, por necessidade realmente de retomar coisas que, chegou no momento que eu precisava voltar e não sabia como ia ser. (Pedro)

Duarte e César (2020) afirmam justamente que a má informação acerca da propagação e prevenção da COVID-19 que ocorreu no Brasil ocasionou medo, insegurança e ansiedade na população durante o isolamento, o que ficou perceptível nas respostas dos casais. A insegurança e o medo foram tão grandes para Amanda que ela gostou de ficar isolada, pois sentiu que assim poderia proteger os filhos.

Para ela,

[...] mesmo sabendo que a gente não protege nada, mesmo sabendo que o Gustavo estava trabalhando e que foi por conta dele que nós pegamos a COVID, mesmo sabendo disso, mas parece que a sensação de proteção era melhor, a sensação dali, de proteção, de ver, de estar com eles ali foi melhor do que se eu estivesse trabalhando. (Amanda)

A pandemia acentuou as crises políticas, sociais e sanitárias do Brasil; por meio dela, foi perceptível o quanto a insegurança e o medo tornaram-se mais presentes, e levantou o questionamento de como seria o depois do isolamento e todo o sofrimento existente (Najar & Castro, 2021). Os impactos posteriores da pandemia ficam evidentes na fala de Amanda, enquanto professora:

[...] quando voltou, quando acabou a pandemia que todo saiu, o isolamento acabou para os meus alunos, o impacto de defasagem foi enorme, que até hoje ainda não foi

superado, e eu acho que não vai ser superado esse impacto, porque as crianças voltaram, mas é, eles voltaram sabendo que a tecnologia é mais rápida do que o que a professora fica falando. (Amanda)

Essa fala de Amanda evidencia justamente como a pandemia gerou inseguranças na educação e no processo de desenvolvimento infantil, o que mostra como é preciso um auxílio do Estado para que se desenvolvam estratégias para essa defasagem educacional. Benghozi (2022) argumenta que o dever do Estado é garantir segurança psíquica e todos os meios necessários para proporcionar sua existência de forma integral.

Quando se fala do medo, para além de uma insegurança, todos os casais relatam esse sentimento em relação à contaminação do seu grupo familiar, assim como de outros parentes; também se fala do medo da morte, visto que no começo, antes das vacinas, o número de óbitos no Brasil era extremamente alto e frequente.

Paula afirma, na entrevista, que tinha medo por sua família e por parentes que infelizmente não puderam parar de trabalhar, assim como seus pais, que são idosos e que dependiam também de transporte público. Ela diz:

Por exemplo, meus primos, minhas primas, meus tios, meus tios já, gente, assim que daí foi, já tem que pegar transporte coletivo. Então, esse negócio foi “Ah, fechou tudo!” Eles não pararam de trabalhar, entendeu? Então, a gente ficava muito apreensivo, assim, também por outros que não tinham, mas que também são pessoas que são da nossa família mesmo. Na vida louca, a gente ficava apreensivo por elas também, que não parou porque não achavam que era uma pandemia e tal, aí foi um pouco complicado. (Paula)

Outra fala que indica o medo de Paula relacionado aos seus pais mostra sobre como a população que fazia uso do transporte coletivo estava mais exposta. Ela afirma:

É, a minha mãe, meu pai não dirige, a minha mãe pega transporte coletivo, é idosa, tem a carteirinha. Então, ela anda para baixo, para cima, não paga o ônibus, ela vai para todo

lugar de ônibus. Meu pai também andava de ônibus, sempre andou de ônibus, então ainda assim, por exemplo, minha mãe e meu pai têm uma situação mais, talvez, né, mais segura, mas ainda assim é gente que tá no transporte coletivo, tá no mercado, tá levando a vida, né? Então, eu tinha muito medo também por eles. (Paula)

Mesmo sendo um medo comum e não patológico, a morte é um assunto censurado, pouco falado e discutido, o que acaba acentuando o temor por ela, principalmente quando pensado na perda de um ente querido (Mendes, 2021). Meneghel et al. (2022) pontuam que, durante a pandemia, o medo da morte se manifestou de várias formas, como não poder se despedir de quem morreu, o sofrimento no processo de morrer e a dificuldade de vivenciar o luto por conta de estarem isolados.

O medo da morte fica evidente no discurso de Amanda, quando ela pontua que a sensação de morte nunca foi tão presente e significativa na vida, mesmo sabendo que é o destino de toda pessoa morrer, ela foi muito mais significativa na pandemia; a gente viu mais significado pra ela, evidência para a morte. Para mim foi isso. (Amanda)

Além disto, Amanda diz em relação ao que mais mudou durante a pandemia:

[...] o que mudou foi a consciência de morte. Você pode até colocar isso aí: o que mudou em mim foi a consciência de morte e, com a consciência de morte, eu tive medos que eu não tinha antes de perder a família, os familiares, então a consciência de morte. (Amanda)

Gustavo também pontua em suas poucas falas sobre como tinha medo da contaminação e da morte, principalmente por ter continuado trabalhando. Ele afirma que tinha medo de contaminar seus pais, que são idosos e poderiam sofrer mais com a doença.

Eu tinha medo pelo meu pai, minha mãe, que já tão com idade mais avançada, e, como eu peguei, tinha medo de ficar mais perto deles, que têm mais idade. Mas, em casa, sei lá, eu, a gente tem medo, mas é um negócio que você tinha que estar, tinha que sair e ir

para casa. (Gustavo)

O sentimento de medo da morte e impotência que Gustavo apresenta em sua fala em decorrência de continuar trabalhando assemelha-se ao sentimento que profissionais da saúde tiveram durante a pandemia. Na pesquisa de Santos et al. (2022), fica evidente como os profissionais da saúde se sentem frustrados e impotentes com a morte de um paciente, o que fica claro quando Gustavo diz sobre o medo:

[...] de trazer o negócio porque eles estavam, tipo assim, se cuidando dentro de casa, se livrando, e eu, e eu podia levar a qualquer momento, que era um perigo que às vezes a gente sentia. Só que em termos, a gente até precavia, no meu caso que era eu tinha que chegar e já ir direto para o banheiro tomar um banho, lavar aquela roupa e às vezes eu chegava, entrava dentro de casa, conversava, sentava, que no meu pensar eu até abusava daquele momento e do que podia acontecer. (Gustavo)

E esse medo e impotência tornaram-se reais quando Gustavo testou positivo para a COVID-19 e, conseqüentemente, contaminou Amanda e os filhos. Amanda corrobora esse sentimento ao afirmar que

[...] tinha medo do Gustavo sair, porque, como ele perdeu muito peso na pandemia e até hoje não recuperou as forças ainda, eu tinha medo de perder ele, sim, de ele ficar ruim e ser entubado e morrer. (Amanda)

Além disso, tanto o casal 2 quanto o casal 3, parentes não tão próximos, perderam Bianca por conta da pandemia. Amanda diz na entrevista que sempre teve a consciência da morte, mas que a sua certeza foi mais forte com o falecimento da Bianca:

[...] foi uma coisa que ninguém esperava, e de uma menina nova, e de repente, por mais que soubesse que estava acontecendo na vida de todo mundo, mas ela... sentir tão perto de você, foi bem consciente, sim. (Amanda)

João e Silvia também falam sobre os medos que sentiram durante a pandemia, como o

medo da morte e a dificuldade no luto com a morte de Bianca, assim como o sentimento de incapacidade frente ao novo e às incertezas que ele trazia, a dificuldade de se cuidarem e o medo da contaminação que acabou acontecendo.

O casal revela que foram diagnosticados três vezes com COVID-19 e que o medo ia aumentando cada vez mais, principalmente o medo de morrer e deixarem as crianças sem cuidado. Silvia afirma:

[...] essa última vez que eu peguei foi bem forte. Quando eu comecei, na noite, assim, dava um sentimento, sabe, ruim assim, medo de morte, assim, um negócio muito estranho. E eu lembro que um dia eu estava, assim, no colchão na sala, e aí estava, eles estavam bem, e eu e ele estava ruim, e daí eu pensava assim: “Meu Deus, acontecer uma coisa que nós dois juntos e as crianças, sem força ali para poder cuidar deles”, então deu medo. (Silvia)

Pode-se perceber também no discurso de João e Silvia que o medo, a insegurança e a incerteza estiveram presentes, principalmente quando observavam o que estava acontecendo à sua volta; porém, criavam mecanismos para conseguir passar por esse momento. João pontua:

[...] bem, bem assim traumático humanamente [...] a gente, assim, a gente viu muito isso, assim, sabe, que a gente tem que fazer. Puxa vida, eu não consigo ficar nesse desespero todo porque eu vi a gente, assim, num desespero extremo, extremo, assim, sabe, e eu falava pra gente: “Faz assim, Silvia, né? Amanhã é outro dia vamos viver hoje o amanhã outro é dia”. (João)

A pandemia fez com que as pessoas voltassem a sentir medo de uma morte sofrida, o que se mostrou real no começo, quando não se sabia as formas de prevenir e tratar a doença (Meneghel et al., 2022). O luto se tornou algo banal em decorrência do número de mortes, o que fica claro quando João afirma que, quando Bianca morreu, ele não teve tempo para passar por esse sentimento, precisava ser forte pela família e pontua:

[...] um ano depois, assim, daí eu passei um período de luto, sim. Daí caiu aquele sentimento, assim, de muita saudade, de muita lembrança, né, de sentir a dor dela, assim, da ausência dela. Mas foi bem posteriormente, não foi, não foi naquele dia. (João)

O que se pode perceber, portanto, do sentimento de insegurança e medo da morte é que todos os casais relataram tais sentimentos, pois, mesmo sendo um sentimento comum do ser humano, a pandemia o acentuou, pela falta de cuidado do Estado frente ao novo e ao sentimento de perda. O luto foi um sentimento não vivido corretamente, foi atropelado pelo isolamento, pela não possibilidade de viver rituais necessários, assim como pela sensação de normalidade frente ao número de óbitos (Mendes, 2021; Meneghel et al., 2022).

6.4.2 IMPACTOS PSICOLÓGICOS

Em relação aos impactos psicológicos apontados nas pesquisas acerca do isolamento social, pode-se perceber divergências entre os 3 casais, sendo que cada família vivenciou uma experiência diferente nesse aspecto. O impacto psicológico nas famílias vai depender de vários fatores relacionados a como foi o período do isolamento, acesso aos recursos e realidade socioeconômica do grupo familiar.

O casal 1 não apontou nenhum impacto psicológico originado ou agravado durante a pandemia, apenas alguns sentimentos negativos como medo, ansiedade, frustração e insegurança. Um fator que foi apontado por eles durante a entrevista foi que eles prezam pela saúde mental, sempre buscando uma boa relação entre eles, assim como a filha Julia, que fazia terapia há algum tempo.

Paula afirma que a filha Julia já fazia terapia antes da pandemia e que isso foi muito importante para que o sofrimento durante o isolamento fosse menor; isso ocorreu também por conta do privilégio financeiro da família. Além disso, a família fala sobre o quanto eles

buscaram se entreter, fazer atividades em família para que o sofrimento fosse menor, visto que sempre foram muito unidos e viajavam bastante.

Pode-se perceber que os impactos na saúde mental estão relacionados ao acesso financeiro e de recursos que a família possui, o que fica evidente no caso do casal 1, que não relata impactos negativos no aspecto psicológico e que é uma área que já era cuidada. Kerr et al. (2021) corroboram essa afirmação quando pontuam que todo o acesso a recursos, como rede de apoio, acesso à saúde e cuidados básicos estavam relacionados à posição socioeconômica da família. Ou seja, o impacto psicológico de forma negativa está relacionado à falta de acesso das famílias aos cuidados com a saúde mental, seja apenas pela questão financeira ou por não acreditarem.

Já em relação ao casal 2 e 3, os impactos negativos na dimensão psicológica foram perceptíveis tanto em um membro do casal quanto em algum dos filhos, mostrando que a renda das famílias estava ligada aos impactos psicológicos que elas sofreram. No casal 2, Amanda relata o quanto foi impactada psicologicamente durante a pandemia e que, quando saiu do *home office*, foi perceptível o quanto o seu psicológico foi afetado.

Para ela, o que gerou mais impacto em seu psicológico foram as condições de trabalho e o quanto a pandemia trouxe várias consequências negativas na sua função. Segundo ela,

[...] profissionalmente tá me dando trabalho até hoje, é, ao ponto de eu ter crise de ansiedade porque eu quero que os alunos aprendam, e eles são dispersos, e eles não querem aprender, não querem. (Amanda)

Amanda fala que ser professora é muito difícil e que, durante o isolamento, isso acabou sendo agravado pelas cobranças dos pais e da escola, fazendo com que ela começasse a ter crises de ansiedade, principalmente quando estava no trabalho, necessitando fazer uso de medicações. Ela afirma que existia um peso muito grande no professor e que toda a culpa acerca dos comportamentos e aprendizagem das crianças caia sobre eles e isso foi um fator de cobrança

para ela também, somando-se às outras demandas de trabalho. Ela aponta também que as condições de trabalho durante o isolamento, as cobranças existentes em relação à aprendizagem das crianças e a sua própria cobrança por resultados ocasionaram sua grave ansiedade

E para quem gosta de ver resultado e para quem é ansioso por causa de um resultado, isso é difícil, sim, para mim é difícil. (Amanda)

Faro et al. (2020) afirmam que o período de isolamento social serviu como surgimento ou agravamento de transtornos psicológicos, principalmente nos pais, em decorrência da sobrecarga de funções e demandas. As pesquisas durante a pandemia corroboram essa afirmação e acrescentam que os transtornos psicológicos mais identificados nesse momento foram a ansiedade e a depressão, sofrimentos relatados por Amanda (Duarte, Santo, Lima, Giordani & Trentini 2020; Ramírez-Ortiz, Castro-Quintero, Lerma-Córdoba, Yela-Ceballos, & Escobar-Córdoba, 2020).

Duarte et al. (2020) listam alguns fatores que podem ocasionar transtornos psicológicos nos indivíduos em decorrência da pandemia e citam que o acesso às informações sobre a pandemia e sobre as mortes, assim como não ser trabalhador da saúde, geram dificuldade ao acesso e conhecimento de cuidados necessários, e podem gerar sofrimento psicológico de menor grau. Na fala de Amanda, foi perceptível o quanto ficou com medo e insegura sobre a morte, sobre o que estava acontecendo e o quanto foi difícil ser professora nesse período.

A ansiedade e o sofrimento de Amanda ressaltam o quanto a figura feminina foi mais impactada na pandemia quando comparada com a figura masculina, por conta da sobrecarga de papéis exercidos pelas mulheres. Giannotti et al. (2021) afirmam que, além da depressão e do estresse, a ansiedade é um dos impactos psicológicos que é mais frequente nas mulheres. Sheen et al. (2021) afirmam que as mulheres foram mais impactadas psicologicamente por conta da junção de todas as suas funções, o que Amanda deixa claro em seu discurso, pois trabalhou além do expediente, teve que cuidar da casa e ajudar o filho mais novo.

Outro fator interessante acerca do impacto psicológico que Amanda pontua em sua fala está relacionado justamente com o quanto a emancipação feminina, mesmo sendo algo positivo, trouxe consequências. Acredita-se que a entrada da mulher no mercado de trabalho se apresenta como algo pertinente. Contudo, tal mudança implica no estabelecimento de uma nova dinâmica familiar, haja vista que não há uma pessoa cujo único trabalho seja se ocupar do cuidado dos familiares e tarefas domésticas. Com os dois cônjuges tendo ocupações externas à casa, seria necessário haver equilíbrio em relação à realização das tarefas domésticas. Entretanto, nota-se uma frequente sobrecarga da mulher, possivelmente decorrente do machismo presente na sociedade, que coloca isso como mais uma responsabilidade da esposa, que tem que dar conta da casa e dos filhos, com o marido pouco se responsabilizando por tais atividades (Zordan, Falcke, & Wagner, 2009; Sheen et al., 2021).

Já em relação ao casal 3, os impactos psicológicos mais evidentes e relatados foram na filha mais velha, Carol, com 8 anos na época da pandemia, que começou a manifestar muita irritabilidade e crises de ansiedade ao ponto de não conseguir comer e necessitar ser medicada. Os impactos começaram a aparecer em decorrência da interrupção das aulas e da implementação do ensino remoto, que causou muita dificuldade e sofrimento à filha.

Silvia pontua sobre os impactos em Carol:

Nessa questão, afetou muito a Carol, porque ela ama estudar e, tipo assim, ela teve ansiedade, ela teve uma frustração na verdade, porque ela sempre foi muito bem. Então teve, assim, dia que ela não conseguia nem ouvir o áudio da professora. Lembra, era uma professora bem calminha, que falava bem calma, e ela não aguentava; então, assim foi para ela, foi difícil. (Silvia)

João relata ainda o quanto ela sofria com as atividades que chegavam erradas, o conteúdo de uma forma mais simples e que, quando as aulas voltaram, os professores optaram

por fazer uma recapitulação do que foi ensinado durante o isolamento, o que causou mais irritação e ansiedade na Carol.

Mesmo que a predominância de surgimento ou agravamento de transtornos psicológicos seja maior nos pais, as pesquisas apontam que as crianças também foram impactadas. Giannotti et al. (2021) afirmam que o encerramento da escola e a nova modalidade de ensino impactou as crianças, principalmente as mais novas, no caso de Carol, que na época tinha de 8 para 9 anos. As autoras defendem ainda que o isolamento social acarretou consequências na saúde mental dessas crianças (Giannotti et al., 2021).

As crianças também foram impactadas, talvez menos que os pais, por conta da sobrecarga, apresentaram sofrimentos em decorrência do fechamento das escolas e aulas, e, assim como os adultos, também manifestaram irritabilidade e ansiedade (Duarte et al., 2020).

Silvia ainda relata que:

[...] quem sofreu mais, assim, foi a Carol, porque ela teve crises de ansiedade, ficou sem comer, né? Aí você correr com ela para o pronto-socorro para tomar um calmante e a partir daí que a gente conseguiu, né, encaminhar para o psicólogo, mas eu acho que é relacionada com esse contexto de não conseguir estudar, porque ela já entendia, né? Então, acho que foi ela que teve esse impasse aí, né, mais forte. (Silvia)

Pode-se perceber que os impactos psicológicos do isolamento social estão relacionados aos recursos financeiros de cada família, ou seja, quanto maior o acesso aos cuidados com a saúde mental, menor jornada de trabalho e dinheiro para lazer, as consequências negativas serão menores.

Fica evidente também que o modelo de parentalidade exercida pelos pais nesse período foi a parentalidade no contexto adverso, ou seja, foi difícil conseguir exercer todo o cuidado necessário por conta das situações de risco em que estavam inseridos (Rodrigues, 2021). Os pais ficaram cansados, apresentando esgotamento parental por conta de todas as funções

adquiridas, o que aparece principalmente no discurso do casal 3; entretanto, fizeram uso de vários mecanismos para manter a parentalidade, o que fica evidente no próximo tema analisado (Faro, Cerqueira-Santos, & Silva, 2021).

6.4.3 APROXIMAÇÃO FAMILIAR

Um aspecto extremamente importante e que surgiu em todas as entrevistas foi a aproximação entre o casal e os filhos. Todos relataram o quanto o período do isolamento serviu para melhorar a relação de todos da casa, por conta da convivência, e que puderam se relacionar de outras formas, ter mais tempo para a família, assim como para eles mesmos.

Paula e Pedro relatam que sempre foram próximos, principalmente com a filha Julia, e que na pandemia essa aproximação se tornou mais forte. Paula afirma que eles ficaram mais próximos, e Pedro concorda com isso; acrescenta ainda que, além da aproximação, eles dividiram mais as funções da casa, pois dispensaram a empregada doméstica por conta do isolamento.

Além disso, eles pontuam que a relação do casal já era boa, com a filha também, e que por conta da amizade e da parceria, para eles foi muito positivo esse momento junto, mesmo afirmando que não querem passar por isso novamente. Paula diz:

[...] a gente ficou mais tempo junto, né? Mas, assim, a gente sempre teve uma convivência bem tranquila. Quando você fica mais junto com uma pessoa, daí sai mais grito, sai mais. É assim. (Paula)

Essa fala demonstra o quanto a família já tinha uma proximidade, mas que, durante o isolamento, conseguiram criar relações e uma boa convivência, mesmo com os estresses que o convívio diário pode ocasionar. Ribeiro (2021) afirma que famílias com uma boa condição

financeira e uma boa casa apresentaram mais impactos positivos durante o isolamento e que o conforto foi fundamental para que as relações na casa fossem boas, o que foi o caso do casal 1.

Outro ponto positivo da pandemia relacionado à aproximação familiar no casal 1 foi em relação à filha Julia, que ficou mais próxima deles. Pedro afirma que

A Julia sempre foi muito próxima nossa, né, então foi muito bacana, né, a gente sempre jogou a real pra ela, ensinou muitas coisas sobre a vida, né. Como a gente sempre passava muito tempo em família já, viajava juntos e acabamos fazendo junto, e a gente não dependia de ninguém pra fazer as coisas. A gente ficou mais presente também, fazia coisas, jogar jogos, assistir filme. Mas não teve nada, assim, de anormal, mas só nos finalmente, assim, que ela queria voltar para escola de todo o jeito, né? Só aí que foi mais chatinho. (Pedro)

Paula também discorre sobre a relação com a filha e diz que ela é

Mais grudinha, mais tranquila também, mas é porque a gente é muito, se a gente tiver que fazer alguma coisa, outras pessoas ou a gente mesmo, vamos escolher a gente mesmo. Se tiver que fazer algo e tiver que escolher, vou escolher ficar com a minha família, assim. Se a gente viaja, a gente não deixa a Julia para trás, a gente leva a Julia. Então, assim, já foi crescendo, assim, inserida. E com a pandemia, a gente ficou mais juntinho assim. (Paula)

Chua et al. (2021) afirmam justamente que os pais conseguiram desenvolver um vínculo maior com os filhos por conta do isolamento e de passarem mais tempos juntos, quando foi possível dividir algumas atividades da casa e cuidados, o que ficou evidente nos relatos do casal 1. As famílias perceberam uma evolução na relação, assim como a confiança entre os membros da família; o acesso a espaços livres foi ponto positivo durante o isolamento (Chua et al., 2021).

O casal 2 também apontou a aproximação familiar em sua entrevista, principalmente entre Amanda e os filhos, por conta de ela ter ficado em *home office*, e eles estudando de casa.

Amanda fala que gostou de ficar em casa pois pôde descansar do trabalho, do convívio diário com várias crianças e que isso fez ela se sentir bem, mesmo com as dificuldades de ser professora no trabalho remoto.

Para ela, ficar em casa com os filhos foi algo positivo:

[...] para mim mudou, eu estive mais perto das pessoas de casa, que eu estava mais longe deles. Como eles ficaram tudo em casa e, tanto eles gostavam, gostaram do fato de eu ficar em casa, como eu gostei também do fato de ficar em casa por conta deles, porque aqui aquela parte mãe de fazer comida de, eu pude dar mais atenção para eles que eu não tinha, por falta de não estar dentro de casa. Então, eu gostei dessa parte de ficar mais dentro de casa e dar mais atenção, para mim foi bom. Eu gostei. (Amanda)

Essa fala de Amanda evidencia aspectos concernentes ao exercício da função materna descrita por Winnicott, que, nesse caso, ela sentia que não conseguia exercer por conta da rotina de trabalho. Estando em casa, Amanda sinalizou que podia proporcionar cuidado para os filhos, como cozinhar para eles, passar mais tempos juntos, conversar (Winnicott, 1960/2011). Lembra-se que a função materna descrita por Winnicott é realizada pelo cuidador suficientemente bom, e, no caso de Amanda, essa função durante o isolamento foi desempenhada por ela (Rosa, 2009). Aqui, fica evidente a tentativa de Amanda, por meio da função materna descrita por Winnicott, em proporcionar um ambiente suficientemente bom que promovesse o desenvolvimento saudável da família, principalmente dos filhos Gabriel e Juliana.

Em relação a Gustavo, ele afirma que, por continuar trabalhando, não ocorreu nenhuma mudança na sua rotina, nem na relação com a esposa e com os filhos, pois continuou vendo-os apenas à noite, quando chegava do trabalho; sendo assim, não conseguiu visualizar nenhuma alteração em sua rotina.

Amanda traz ainda:

[...] para mim mudou, para mim mudou, é, essa parte de ficar em casa perto deles foi muito bom. Eu gostei porque fazia tempo que eu não fazia isso, tempo que eu não tinha esse tempo e, às vezes, no sábado mesmo, que é o sábado e domingo ou feriado, a gente corre pra adiantar um serviço que tá atrasado e com isso eu podia adiantar os meus serviços, colocar em ordem; eu pude ler para mim foi, fazia tempo que eu não lia mais. Então, pra mim, eu não estou dizendo que a pandemia foi uma coisa boa, não, mas, para o meu convívio em casa, foi bom; com a Juliana e com o Gabriel foi bom. Foi bom, assim, família, o convívio em família. (Amanda)

Além do sentimento positivo de ficar em casa, Amanda também relatou o quanto a relação com os filhos mudou e que ela pôde se sentir mais próxima e cuidar deles. Ela diz:

[...] sentimento de cuidado, de proteção, mesmo sabendo que a gente não protege nada, mesmo sabendo que o Gustavo estava trabalhando e que foi por conta dele que nós pegamos a COVID, mesmo sabendo disso; mas parece que a sensação de proteção era melhor a sensação dali de proteção, de ver, de estar com eles ali foi melhor do que se eu estivesse trabalhando. É como se eu estivesse acolhendo eles debaixo das minhas asas, dos meus filhos que estavam desgarrados por conta do trabalho. (Amanda)

Fica evidente no discurso de Amanda o quanto ficar em casa com os filhos trouxe o sentimento de cuidado e proteção maternos, que, mesmo o sentimento de morte e o medo estando presentes, ela pôde cuidar deles dentro de suas limitações. Winnicott (1950/2011) afirma que é preciso um lar que forneça cuidado e afeto para que ocorra o desenvolvimento e criações de vínculos, mesmo que os pais não saibam sobre esse processo, o que se pode se assemelhar ao período pandêmico e à tentativa de cuidar que Amanda exerceu, mesmo não sabendo o que poderia acontecer.

O aspecto mais positivo do casal 2 foi a aproximação com os filhos, tanto de Amanda quanto de Gustavo, que, mesmo trabalhando, conseguiu perceber a aproximação entre eles e um pouco da sua parte também. Ele diz:

No caso, eu senti a Juliana mais perto da Amanda, depois da pandemia. A Juliana gosta de quarto, né, mas até o momento, hoje há mais diálogo entre ela e a Amanda. O Gabriel é sempre a mesma coisa, ele é mais chegado, ele é mais meloso, mas a conversa entre a Amanda e a Juliana foi mais, porque a Juliana comigo, nós nunca fomos de muita conversa. Ela é sempre mais reservada no canto dela lá, agora o Gabriel é “pai, vamos, vamos”; Só que na hora que vai, aperta para fazer alguma coisa, gosta de ficar em casa. Agora, a Amanda e a Juliana se aproximaram mais. (Gustavo)

Em relação à Amanda, ela afirma o seguinte:

É, o Gabriel nem tanto, mas ele, como ele sempre gostou que eu estivesse em casa, que ele fala: “ah, mãe, você podia trabalhar meio período para fazer comida para mim” porque ele só pensa em comer. Então é, ele gostou de eu estar em casa, ele gosta do dia que eu estou em casa. A Juliana não foi tanto porque ela ficava fora, e ela gosta de ficar sozinha também, mas a gente conversou mais, teve mais tempo para conversar, mais tempo para brigar, mas foi tranquilo. Eu achei que foi aproveitável, foi de bom proveito a pandemia na minha casa. Eu não sei das outras casas, mas na minha casa a pandemia foi de bom proveito porque a gente estava precisando desse tempo, eu estava precisando, eles também estavam precisando, a gente. (Amanda)

Para o casal 2, com a rotina de trabalho deles e a rotina de estudos dos filhos, o isolamento fez com que, para além da aproximação, criassem vínculos enquanto um grupo, como também de forma individual. Chua et al. (2021) afirmam que foi possível a criação de novos vínculos dos filhos com os pais, o que ficou presente na relação de Amanda com os

filhos, que puderam conversar bastante, interagir, ter momentos de briga e lazer, fortalecendo a relação familiar.

Bülow et al. (2021) afirmam que as relações entre os membros da família durante o isolamento social foram progressivas; no início, os conflitos eram mais fortes por conta das regras, de terem que se relacionar o tempo todo, mas, com o tempo passando, foi possível notar melhora nas relações do grupo, principalmente entre pais e filhos. Esse dado fica evidente no discurso de Amanda, quando diz que houve momentos de conversas e brigas com os filhos, mas que no final foi muito bom.

Então a gente teve tempo de conversar, de brincar, de brigar na época da pandemia. A gente viveu mais em família na época da pandemia. (Amanda)

Já em relação ao casal 3, o aspecto de aproximação familiar veio do ponto da gratidão de poderem ficar em casa juntos, conseguirem passar pelo momento mesmo com dificuldade e de cuidarem dos filhos. João fala sobre um misto de sentimentos naquele momento: ficaram inseguros e com medo, mas, ao mesmo tempo, foi bom ficar em casa com a família.

Silvia fala sobre como as crianças ficaram em casa, mesmo o casal testando positivo; eles puderam cuidar das crianças e lhes passar segurança. Ela diz:

[...] claro que eu, assim, na questão da, das crianças que estava em casa, eu, eu sentia uma segurança, assim, né? Tipo, eles estavam ali, então a gente estava cuidando e então, eu, ia ser mais difícil deles pegarem, né? (Silvia)

Quando questionados sobre mudanças na rotina da família, relacionadas ao convívio e aproximação do grupo, o casal fala que eles sempre foram próximos e presavam por momentos juntos, como almoçar e sempre jantar à mesa. Além disso, outro ponto muito importante foi o auxílio que João e Silvia deram para os filhos, principalmente para Carol no ensino remoto; mesmo pontuando o quanto foi difícil para eles assumirem a posição de educadores, foi algo que eles puderam, se dedicaram e conseguiram fazer.

Morse et al. (2022) discorrem justamente sobre a aproximação que ocorreu na família em decorrência do processo de educação em casa e a segurança que puderam proporcionar. Segundo os autores, os pais puderam criar vínculos com os filhos por meio do processo de aprendizagem, estar cientes do que os filhos estavam aprendendo e fazer parte desse processo, assim como se sentiram mais seguros mantendo os filhos em casa, o que fica evidente no discurso de todos os casais (Morse et al., 2022).

Tanto João quanto Silvia falam que eles sempre foram muito próximos enquanto casal, que sempre foram caseiros e que a pandemia fez com que essa relação aumentasse, que a aproximação fosse maior. Silvia fala o seguinte:

[...] acho que aproximou mais ainda, né, a gente teve que se unir assim né, porque a gente tem três filhos, né. (Silvia)

Além disso, outro ponto muito presente no discurso do casal 3, que também aparece nos outros casais, é o sentimento de gratidão frente à pandemia, não deixando de lado todo o impacto negativo e o sofrimento social, mas pontuando o quanto foram gratos por conseguirem ficar em casa, deixar a família o mais segura possível e poder cuidar um dos outros. João diz:

[...] eu colocaria como pedagógico, foi para ensinar a gente, sabe, assim, a crescer; foi, assim, foi ensinar a gente a amadurecer no campo da, das ideias, no campo de ver o mundo, sabe. (João)

Chua et al. (2021) afirmam que as famílias se sentiram gratas nesse momento por ficarem em casa em segurança com seus filhos, assim como conseguirem passar por esse período de forma mais amena e sem mortes no grupo familiar. Fica evidente nos casais que existiram os impactos negativos, mas que isso não fez com que eles não aproveitassem o momento para se fortalecerem, aproveitarem e cuidarem da família, assim como criar vínculos que antes, por conta de uma rotina de trabalho e estudos, não eram possíveis. Além disso, todos os casais puderam exercer a parentalidade com os filhos durante o isolamento, ou seja,

proporcionaram cuidado, acolhimento, pertencimento familiar e auxiliaram no processo de ensino e aprendizagem deles (Rodriguez & Paiva, 2009).

Todavia, um aspecto que não foi abordado pelos casais nas entrevistas foi justamente a conjugalidade, a relação entre eles enquanto casal. A conjugalidade é pontuada como uma díade conjugal, a relação entre duas pessoas que desejam se relacionar e construir um espaço seu, do casal, sem perder sua individualidade (Sousa, 2006). Entretanto, esses pontos não foram levantados pelos entrevistados, mesmo havendo uma pergunta específica sobre a relação conjugal deles. Observou-se que as alterações, a forma como se relacionaram e o que se dispuseram a fazer para manter esse espaço em conjunto não foi dito.

A ausência da abordagem acerca da conjugalidade levanta alguns questionamentos sobre a entrevista e os casais. A falta de informações sobre a relação conjugal seria decorrente da falta de intimidade e confiança no entrevistador? Decorreria da falta de investimento na relação? Seria advinda do fato de não notarem diferenças nesse período? Ou por a relação a dois estar se tornando mais frágil com o avanço da modernidade?

Observou-se, então, que os apontamentos dos entrevistados se centraram no esforço realizado para exercer a parentalidade e em como a aproximação com os filhos foi o aspecto mais positivo da pandemia. Tem-se, assim, a busca por criar um ambiente suficientemente bom para as crianças, permitindo que elas pudessem se desenvolver e se relacionar de forma saudável durante esse período.

6.5 IMPACTOS FORA DA CASA

O segundo grupo agregou temáticas concernentes aos impactos fora da casa; em outras palavras, as consequências que as famílias tiveram por questões que surgiram no exterior de sua casa e que foram causas de sofrimentos relatados nas entrevistas. Dentro deste tópico,

encontram-se os temas vinculados ao ensino remoto, relação com o trabalho e impactos financeiros.

6.5.1 ENSINO REMOTO

Em relação à temática da educação dos filhos, todos os casais pontuaram sobre como o isolamento durante a pandemia trouxe novos recortes e dificuldades no processo de aprendizagem das crianças por conta do fechamento das escolas e a instalação de aulas *on-line*. A nova modalidade de ensino foi complicada para os casais, visto que gerou acúmulo nas suas funções, dificuldade de adesão das crianças e dificuldades no processo de aprendizagem.

No primeiro casal, não foi tão pontuado sobre as aulas remotas da filha Julia e os impactos, apenas algumas falas mais precisas de Paula. Ela afirma que, na distribuição dos espaços da casa para a família continuar com seus trabalhos remotos, a filha começou a ter aula no seu quarto, enquanto Paula ficou com a mesa de jantar.

Um outro ponto sobre as aulas remotas, agora indicado por Pedro durante a entrevista, é como os espaços delimitados de trabalho e estudo eram atravessados pelos outros, principalmente pela filha. Pedro diz:

Dois computadores ligados ao mesmo tempo, mais de uma criança, né? Três computadores, então cada um ficava num cômodo porque era uma gritaria, né? Para um lado e pro outro. E aí “Fala baixo, que eu estou na reunião”. Aí, ela está dando aula, a Julia já vinha: “Não entendi isso aqui”. (Pedro)

Esse recorte mostra justamente que o processo de trabalho e ensino dentro de casa foi difícil e, muitas vezes, sem delimitação.

O que se pode perceber do que o casal 1 trouxe acerca da educação da filha em casa foi que não houve impactos nem negativos, nem positivos. Entretanto, esse fato não afirma que

não ocorreu nenhuma consequência, apenas que elas não foram demarcadas na entrevista. Além disto, é perceptível como a condição financeira foi favorável nesse período de ensino remoto, visto que foi possível cada um ter um computador e um espaço diferente de trabalho e estudo, o que traz à tona o quanto a realidade financeira da família alterou as vivências no isolamento.

Silva e Silva (2022) argumentam em sua pesquisa que 180 milhões de estudantes não possuem acesso à internet, o que evidencia a desigualdade no Brasil e mostra que nem todos os alunos puderam continuar seus estudos de forma remota. O ensino remoto pode abrir mais ainda a lacuna de aprendizagem entre as crianças de alto, médio e baixo recursos financeiros justamente pela falta de acesso aos meios necessários de manter os estudos (Fonseca, Sganzerla, & Enéas, 2020).

Essa informação embasa a realidade do casal 1, que conseguiu proporcionar todas as condições necessárias para que sua filha continuasse no processo de aprendizagem de forma remota, o que fica evidente na fala de Paula:

[...] a minha menina eu não mandei para a escola. Fui uma das últimas mães a devolver, né, voltar a criança para escola, ficou na aula *on-line*. Daí ela ficava tendo aula até eu sentir que estava tudo mais seguro, né, mas... (Paula)

Já em relação ao casal 2 e 3, o impacto do isolamento na educação dos filhos foi mais perceptível e verbalizado durante a entrevista. Amanda fala que precisava verificar a internet e conexão da aula para Gabriel, seu filho mais novo, sempre que acordava, que precisava pegar no pé dele para que ele assistisse as aulas e fizesse as atividades solicitadas.

Amanda pontua:

Porque por mais que eu, como mãe e como professora, eu sabia que poderia acarretar na vida do Gabriel, eu pude ajudar ele naquilo que eu conseguia fazer. Já muitos pais realmente ignoraram a escola. (Amanda)

Essa fala mostra que Amanda conseguiu ajudar Gabriel durante o ensino remoto por

ficar mais tempo em casa e ser professora do ensino fundamental, porém percebe que existiram impactos grande em seus alunos.

Fonseca, Sganzerla e Enéas (2020) afirmam que os pais precisaram se adaptar de várias formas para prestar suporte aos filhos durante o isolamento, além de fazer suas atividades, o que fica evidente quando Amanda sinaliza que participava das reuniões escolares de Gabriel durante a noite, de forma remota, tendo que trabalhar ao mesmo tempo, pois as escolas, muitas vezes, não respeitavam os horários de trabalho dos professores.

Outro ponto no discurso de Amanda enquanto professora é o impacto do ensino remoto na aprendizagem dos seus alunos, que vai além das vivências de sua casa. Ela afirma que os alunos tiveram um impacto muito grande e que a tecnologia é mais rápida que o professor. Amanda ainda afirma que os pais não tiveram paciência com os filhos, não auxiliaram na aprendizagem, o que aumentou o desinteresse das crianças pelo processo de aprendizagem e uma defasagem na sua educação. Para ela,

[...] essa defasagem vai para o resto da vida, vocês sempre vão falar: “Ah, esse aí é aluno da pandemia, esse aí foi aluno da pandemia”. (Amanda)

Silva e Silva (2022) pontuam que o processo de aprendizagem é algo complexo; lidar com o ser humano não é tão simples, seu desenvolvimento é diferente e único, e os recursos tecnológicos não são capazes de abraçar as particularidades da aprendizagem de cada criança. Fonseca, Sganzerla e Enéas (2020) corroboram essa afirmação ao indicarem que as crianças precisam dessa vivência para o seu desenvolvimento e que os impactos nas crianças e na sociedade por conta da interrupção das escolas não podem ser negligenciados.

Em relação ao casal 3, João e Silvia discorrem sobre como a educação dos filhos durante o isolamento foi muito difícil por vários motivos. Um deles foi o novo papel assumido por eles, principalmente por Silvia, de não ser auxiliadora, mas sim a pessoa responsável pela educação. Silvia pontua que

[...] ele falou da gente ter que auxiliar; no meu caso, era mais eu, né, então. Que daí, além de você o dia inteiro e que essas obrigações pra, né? (Silvia)

João fala:

Então, que mudou, né? E por força da pandemia foi a questão da educação das crianças.

Porque o que acontece? Nós passamos a ser praticamente professor das crianças, né?

Então, vinha uma via de um material impresso dos três, então tinha que ter, então teve que adaptar isso na nossa rotina. Então todo dia tinha que sentar-se com eles e falar:

“Essa lição era o conteúdo da escola”. (João)

Silvia corrobora a fala de João ao dizer que “Uma coisa é auxiliar outra coisa é ensinar, né?” e que durante o isolamento houve acúmulo de funções, principalmente da parte dela, que não trabalhava fora de casa e cuja definição para o isolamento foi “um período desafiador”.

Fonseca, Sganzerla e Enéas (2020) afirmam que os pais foram obrigados a se adaptar a toda essa nova realidade, a desenvolver novas e eficazes estratégias para darem conta das demandas da casa, *home office* e educação dos filhos. Faro et al. (2020) evidenciam em sua pesquisa que o isolamento ocasionou um acúmulo de funções dos pais, o que fica visível na fala de todos os casais, principalmente de Silvia, pois teve que cuidar da casa e dos filhos 24 horas por dia para que João pudesse trabalhar.

Aqui, fica evidente o quanto o modelo de família nuclear, pai, mãe e filhos, ainda é muito presente, não só na composição dos membros da família, como também na forma de sua organização (Roudinesco, 2003). O pai continua como o provedor da casa, responsável pela renda da família, enquanto a mãe é a única encarregada pelos cuidados da casa e dos filhos, o que gera a sobrecarga relatada na entrevista.

Ozório et al. (2017) pontuam que, com a evolução dos modelos familiares, as funções acabam sendo mais divididas dentro de casa, com pai e mãe possuindo as mesmas responsabilidades com a casa e com os filhos. Entretanto, no casal 2 e 3 essa divisão não ocorreu

como no casal 1 e tanto Amanda quanto Silvia ficaram sobrecarregadas com suas funções. Esse fato levanta o questionamento de que os casais entrevistados ainda seguem o modelo tradicional de família patriarcal, principalmente o casal 3, e que isso pode estar relacionado com o machismo presente na sociedade e, no caso de João e Sílvia, pela forte presença da religião cristã em suas vidas.

O casal Silvia e João afirma que o processo de aprendizagem foi muito difícil para Carol, sua filha mais velha, que tinha 8 anos durante o isolamento e tinha mais noção do que estava acontecendo. Silvia fala sobre como o estudo foi duro para sua filha. Ela diz que:

Nessa questão, afetou muito a Carol, porque ela ama estudar e, tipo assim, ela teve ansiedade, ela teve uma frustração, na verdade, porque ela sempre foi muito bem. Então, teve dia que ela não conseguia nem ouvir o áudio da professora. Lembra, era uma professora bem calminha que falava bem calma. Ela não aguentar; então, assim, foi, para ela foi difícil. (Silvia)

João ainda pontua:

[...] teve situação de chegar material para ela com erro de impressão, erro de cálculo e ela batia o olho e falava: “Pai, como que eu vou responder uma coisa que tá errado, pai?” e ela ficava muito brava. E isso aconteceu com muita frequência. (João)

Outro ponto que ele afirma foi como os professores estavam despreparados neste período e relata o seguinte:

Eu cheguei e falar para escola: “Pelo amor de Deus, isso aqui tá todo mundo aí tal, mas tem que ser analisado mais, eu não tenho, não tem condições de ensinar, né, se vocês próprios vocês não fazendo, entendeu? Vocês estão mandando o material porque ela é material editado. (João)

Niz e Tezani (2021) afirmam justamente que no Brasil não existia uma preparação para esse momento de isolamento e uso dos meios tecnológicos e que o maior desafio foi para os

professores que precisaram adaptar todo o conteúdo para que pudesse ocorrer o aprendizado da criança. Isso fica evidente quando João afirmou dos erros nas atividades que causavam estresse em Carol.

O que fica explícito no caso dos filhos do casal 3 foi como estudar em casa foi um desafio, principalmente para a filha mais velha, que sempre foi muito dedicada e esforçada em seus estudos e tinha consciência do que estava acontecendo. Os impactos no aprendizado e desenvolvimento das crianças ainda são novos e recentes, porém, de acordo com Cury (2020), é possível presumir impactos nas relações sociais, trocas e desenvolvimento afetivo e cognitivo, além da educação.

O próprio Winnicott pontua em sua obra o quanto é essencial o contato das crianças com o mundo exterior, para além da sua casa, para que ocorra o seu desenvolvimento psíquico, social e de aprendizagem (Winnicott, 1971/2019; 1966/1999). No caso do casal 3, o filho mais novo ainda era bebê durante o isolamento, e, logo no início do seu contato com o mundo externo, houve a interrupção desse contato com entes externos ao grupo familiar, o que pode gerar impactos em seu desenvolvimento.

Em relação ao desenvolvimento infantil, Winnicott (1960/2011) discorre sobre a dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência, que são as etapas necessárias para que ocorra a constituição psíquica da criança. Entende-se que um dos fatores relevantes para o caminhar desse processo relaciona-se ao contato da criança com o outro, além do seu cuidador principal, e esse fator foi dificultado durante o isolamento, principalmente no casal 3, em relação ao seu filho mais novo, que se encontrava na transição da dependência absoluta à dependência relativa.

Sendo assim, o que se pode perceber em relação à educação dos filhos é que cada casal vivenciou um aspecto diferente desse processo. Demonstraram particularidades e a individualidade de cada família durante o isolamento social e o quanto o fato de as crianças

estarem em casa poderia gerar comprometimentos para o processo de desenvolvimento.

6.5.2 RELAÇÃO COM O TRABALHO

A questão do trabalho para todos os casais foi bem custosa na relação de se adaptar ao novo formato tecnológico, visto que todas as profissões dos entrevistados exigiam o trabalho de forma presencial. A adaptação ao *home office* foi complicada, pois todos os casais trabalhavam lidando com o público, seja por meio de aula ou vendas, e com toda a família em casa e os espaços sendo ocupados por todos. A concentração e silêncio necessários em alguns casos foi quase escasso.

Paula e Pedro, casal 1, trabalham com o público, sendo Paula uma professora universitária e Pedro representante comercial de uma loja. Paula afirma que no começo foi laborioso para conseguir se adaptar no seu trabalho. Mesmo que antes já desse algumas orientações de forma *on-line*, era algo mais tranquilo e esporádico, que não exigia tanta demanda como as outras funções exigiam.

Ela relata que, por conta de o trabalho ser mais exigente, ela acabou ocupando um espaço maior e mais privilegiado dentro da casa.

Eu peguei metade da mesa de jantar, que era o espaço que acomodava mais, aí depois que passou primeira temporada, depois que a gente viu que não ia morrer, que as coisas iam controlar e aí a gente voltou para o contexto; depois seis meses, a universidade volta para o contexto *on-line*. E aí eu comecei a dar aula aqui nessa mesa porque eu acho que comporta melhor, daí, a, é a mesa de onde tá a minha cozinha, daí eu tirei as coisas de lá trouxe para cá e daí já ficou. (Paula)

Paula ficou com a mesa da cozinha tanto pelo uso de materiais enquanto professora, como também por ser um local mais próximo do roteador de internet, obtendo mais estabilidade.

Já Pedro acabou ficando com o quarto para trabalho, pois, como representante comercial, trabalha com vendas diretas com o público e a emissão de pedidos com a fábrica, ou seja, a todo momento está em ligação com algum dos lados.

Pedro pontua:

[...] eu sou representante, né, da região, com contrato fechado na região. Quando fechou tudo, a princípio primeiro foi um caos assim, e eu trabalho com programação de venda, né. É sempre seis meses antecipado por um tempo para entregar, então eu estou vendendo o verão agora e tá entregando inverno, então eu estou vendendo já quase tudo do segundo semestre. E aí quando fechou tudo, é, as lojas, né, fábricas e tudo mais, que a gente sabe quanto é que, a, ia ficar, o pessoal suspendeu todos os pedidos, teve que renegociar tudo. Foi um trabalho bem burocrático, e, assim, é muito diferente do que eu estava acostumado porque eu tive que trabalhar muito, *home office* em contato com tudo de fábrica. É um trabalho bem diferente, mas no final das contas deu tudo certo, assim. Mudou um pouco o perfil de compra, mudou um pouco o perfil para produtos mais básicos e não elaborados, mas a coisa andou. (Pedro)

Tanto Paula quanto Pedro conseguiram se adaptar ao *home office* durante o isolamento, o que levanta o questionamento de que isso talvez só tenha sido possível tanto pela profissão que exercem quanto pela realidade financeira da família. Sheen et al. (2021) afirmam que foi necessária a divisão dos espaços da casa para acolher a demanda de trabalho dos pais e o quanto a rotina de trabalho foi além do que era antes.

O casal discorre justamente sobre esse ponto e fala que os dois conseguiram se adaptar bem ao digital, que a tecnologia foi tranquila para eles. Pedro diz:

[...] a dinâmica de trabalho, eu acho que, eu acho que até a parte tecnológica que deu um salto muito grande, muito mais rápido do que eu aprendi, né? Os computadores, sem presencial, as coisas foram mais dinâmicas. Foi horrível, né? Mas, por outro lado, o ser

humano, ele se adapta. Então, eu acho que foi o que aconteceu conosco também, a gente foi se adaptando e foi seguindo. (Pedro)

Em relação ao casal 2, o contexto do trabalho durante o isolamento foi oposto em comparação ao casal 1, visto que Gustavo continuou trabalhando e Amanda teve uma rotina muito mais conturbada, por ser professora do ensino fundamental. A relação com o trabalho foi muito difícil por conta dos impactos negativos que ela ocasionou na família.

Amanda pontua:

[...] o trabalho de professor, as atividades, tudo eu tive que montar, tudo em casa; foi desafiante o fato de gravar algum... gravar áudio, gravar vídeo, aí foi, para mim, foi horrível essa parte aí, foi horrível. (Amanda)

Essa fala de Amanda demonstra o quanto foi difícil para ela se adaptar ao novo formato de ensino, divergindo de Paula justamente pela diferença do período de aprendizado em que ambas estão inseridas enquanto professoras.

Pode-se perceber, pela fala de Amanda, que a organização do trabalho foi muito precária; que, mesmo tendo uma carga horária específica de trabalho diário, isso não foi seguido durante o isolamento social. Ela afirma:

[...] eu tinha de fazer o meu trabalho dentro daquelas quatro horas que era referente a uma escola e depois eu fazia como se fosse o mesmo trabalho à tarde. Só que às vezes eu fazia assim mais rápido de manhã, às vezes eu trabalhava para as duas escolas a ponto de fazer as duas atividades junto ou então deixava pra parte da tarde, mas sempre estava lá respondendo a presença dos alunos e montando a atividade e à disposição da escola, caso chamasse, porque a gente tinha sempre que ficar à disposição ou pra uma videoconferência, alguma coisa, um curso, que nós fizemos muito curso *on-line*, então eu ficava à disposição. (Amanda)

A sobrecarga do trabalho de Amanda era evidente em suas falas, pois o seu trabalho

enquanto professora do ensino infantil exigiu muito do seu tempo e dedicação, seus horários não eram respeitados pelas escolas. Ela diz que passava do horário de trabalho várias vezes, trabalhando mais do que suas 8 horas diárias de serviço, ficando até a noite, e que a remuneração frente a essas horas extras trabalhadas era inexistente.

Além disto, Amanda pontua que trabalhar além do horário era muito comum e que a desculpa utilizada pela escola era

[...] que às vezes não procuravam a gente no horário de trabalho, então eles achavam que poderia procurar no horário fora do trabalho. Então, eles alegavam: “não, não foi procurado no horário de trabalho, então”. (Amanda)

No começo, ela afirma que seguia essas cobranças da escola e fazia o trabalho, porém, com o decorrer do isolamento, isso foi se tornando insustentável e afirma que foi ficando rebelde.

Ela diz:

[...] você acaba fazendo, mesmo que seja aquilo que você acha que não tá certo, você acaba fazendo porque tem que fazer; de um jeito ou de outro, tem que fazer, tem que ver o que significa, e, na época, falando da época, eu ainda cumpria certinho. Hoje, eu já não cumpro mais não, eu já estou mais rebelde, mas na época eu cumpri certinho, eles falavam: “A gente não vai ter, não vai entrar com o curso agora de manhã no período da manhã, mas à tarde, 6 horas, a gente vai conversar por em torno de uma hora, 40 minutos”. (Amanda)

Isso demonstra o quanto o medo de perder o trabalho, assim como a preocupação com os alunos se fez presente nesse momento para Amanda.

Bridi et al. (2020) afirmam que, durante o isolamento, houve um aumento muito grande do horário de trabalho, assim como os dias da semana, ou seja, o trabalhador acabou trabalhando sete dias na semana, passando de oito horas diárias, o que fica visível na fala de Amanda sobre

trabalhar além da sua jornada correta do dia e preparando atividades ao final de semana. Esse aumento destaca o despreparo das instituições e empresas para o *home office*, como também destaca dificuldade de trabalhar em casa, por conta das outras demandas que ocorrem ao mesmo tempo (Bridi et al. 2020).

Já Gustavo não pôde parar de trabalhar por ser motorista autônomo e depender das suas entregas para ter uma renda; ficou em isolamento apenas quando testou positivo para COVID-19. Ele afirma que não teve alteração no seu trabalho e que também não pôde notar mudanças na casa e na família por conta da rotina puxada de motorista. Entretanto, é perceptível uma não importância com o dia a dia da família, visto que não falou nem dos momentos em que não trabalhava.

Quando questionado sobre o isolamento e a rotina da casa, Gustavo diz:

[...] para mim foi indiferente, porque eu saía cedo e só chegava de noite. O que acontecia no meio do dia, como se fosse hoje nas férias, eu estou trabalhando. Eu não sei no caso o que a Amanda faz, é a mesma coisa, para mim foi normal. (Gustavo)

Outra fala dele acerca desse período:

Pra mim, no caso, eu não fico todos os dias em casa, para mim mudou muito pouco.

Porque, no caso, se eu ficasse trabalhando a semana toda, eu só vejo eles à tarde mesmo, à noite mesmo, na hora que eu chego. Mudou muito pouco. (Gustavo)

Em ambas as falas, fica evidente que as alterações na rotina foram percebidas apenas pela Amanda, visto que Gustavo continuou trabalhando e não vivenciou o *home office* e as demandas da casa. Lemos, Barbosa e Monzato (2020) embasam a não realização de um *home office* por parte de Gustavo ao pontuar que a classe C, D e E teve pouca adesão ao trabalho remoto, não por não quererem, mas por conta das formas de trabalho desses grupos. Assim, nota-se como as relações empregatícias de forma autônoma acabam por ressaltar mais a desigualdade socioeconômica brasileira.

Em relação ao casal 3, apenas João trabalhava na época da pandemia, enquanto Silvia ficava responsável pela casa, algo muito visto na sociedade patriarcal na qual o marido é o provedor e a mulher a cuidadora do lar. João trabalhava com vendas de consórcios durante o isolamento e sofreu muito com o *home office*, pois suas vendas caíram bastante, gerando bastante insegurança financeira.

Ele afirma:

[...] eu trabalhei de casa, trabalhei de casa. Na verdade, o período inteiro, né? Porque assim na época eu tinha o escritório em Ibiporã, só que daí precisei fechar porque eu não dei conta, sumiu, né, ninguém mais ia no escritório presencialmente. Aí eu estava tendo despesa, acumulei uns três aluguéis assim. E aí minha renda caiu porque todo mundo deu uma segurada, ninguém na época estava trabalhando com consórcio. E aí caiu minhas vendas, eu fiquei praticamente sem vender e vivendo só daquilo que eu já tinha gerado em carteira aqui, que tinha para cair. (João)

Assim como Pedro do casal 1, João também trabalha com uma forma de vendas e precisa lidar com clientes; entretanto, difere por ser autônomo, ou seja, recebe pela sua venda efetuada. Durante o isolamento, João afirma como foi difícil lidar com a questão financeira, pois suas vendas diminuíram, então ficou com medo do que poderia acontecer, visto que era o único com renda dentro da casa. Barboza et al. (2021) afirmam que os impactos nessas famílias foram maiores justamente por depender apenas de uma renda que foi afetada durante o isolamento, o que fica notório no discurso do casal 3.

Outro ponto importante abordado pelo casal 3 foi como a organização da casa durante o *home office* de João foi complicada por conta dos filhos e do espaço disponível dentro da casa. Silvia fala: “Não tinha nenhum local específico, né? Na sala, na verdade, as crianças vieram tudo pra casa, e isso atrapalhava”. João pontua:

E eu sou um cara extremamente organizado, acredito até que tenho TOC, cara. Então, assim, aí eles iam, eu chegava lá, se o canto da minha mesa estava cheio de massinha de criança, cheio de tinta que eles queriam desenhar, a minha mesa, ela estava lá por muitas vezes. Eu falei assim: “Cara, aqui não brinca”. Aqui, por exemplo, me levanto de manhã, eu não conseguia trabalhar, chegar e trabalhar. Eu tinha que fazer tipo uma viagem, né, colocar cada coisa no seu lugar, limpar minha mesa e tal, minhas coisas. (João)

João ainda fala sobre como foi difícil trabalhar em casa com todo mundo junto, principalmente pelas crianças, pois precisava falar com clientes por ligação e sempre tinha um barulho, seja pelos gritos das crianças ou por conta dos cachorros. Ele diz:

[...] o meu trabalho, ele, por ser por você falar, ser venda, é, você fala com cliente, né? Então, assim, tem abordagem que você faz, necessariamente, que precisa ser pelo *WhatsApp*, mas tem, tem, chega um ponto de negociação que você tem que falar com o cliente. Então tem, tem que ter esse contato, e no meio da pandemia a gente precisa conversar falar, e aí foi bem complicado, foi bem complicado mesmo, porque três crianças dentro de casa, né.

Em relação à organização da casa, todos os casais pontuaram sobre as mudanças que foram necessárias para acomodar o *home office*. Contudo, no casal, o impacto acabou sendo maior por conta do formato de trabalho de João e o número de pessoas em casa. Sheen et al. (2021) afirmam em sua pesquisa que famílias que tinham menos recursos e espaço físicos para conseguirem trabalhar acabaram sofrendo mais impactos e apresentando mais dificuldades nesse período. Para eles, os pais precisavam negociar os espaços da casa para conseguirem realizar as demandas de trabalho e dos filhos (Sheen et al. 2021).

Lemos et al. (2020) sinalizam que existiu um conflito bem forte entre trabalho e família, pois, para quem tinha filhos, existia uma limitação ao tempo de trabalho e atenção à família,

necessitando de um gerenciamento maior, principalmente com filhos menores de 18 anos, presente em todos os casais. As autoras ainda afirmam que essa necessidade de conciliação gerou tais conflitos, assim como a sobrecarga dos pais (Lemos et al. 2020).

Além disso, pôde-se perceber também, nos três casais, como o *home office* impactou mais as mulheres, seja no aspecto do seu trabalho, seja nos cuidados da casa. Mais especificamente, Silvia fala sobre como o isolamento a afetou e afetou a dinâmica da família, principalmente com João em casa junto das crianças:

Por exemplo para escola, então, assim, que nem a minha preocupação foi, eles iam para escola à tarde e sabia que eu tinha meu tempo lá para organizar as coisas da casa. Agora as crianças estavam 24 horas em casa, altera isso, né? Porque daí você tem que administrar tudo de uma vez, não tem como repartir; de uma vez, foi muito difícil. (Silvia)

Sheen et al. (2021) pontuam ainda que os impactos foram maiores nas mulheres, pois tiveram que conciliar o *home office* com os afazeres da casa, e isso gerou sobrecarga muito maior em decorrência da ideia do patriarcado, que a mulher é responsável pelos cuidados da casa e dos filhos. Lemos et al. (2020) afirmam que, no Brasil, 92,2% dos trabalhos domésticos são designados às mulheres, o que dificulta sua dedicação ao trabalho, assim como a sobrecarga de funções, visto que o trabalho doméstico também é um trabalho que exige tempo e dedicação.

Pode-se perceber como a relação com o trabalho é diferente em cada casal e o quanto esse fato está relacionado justamente com a evolução dos modelos de família. Temos uma linha de evolução muito visível, partindo do casal 3, no qual apenas o marido trabalha e a esposa é única responsável pelo trabalho doméstico; o casal 2, no qual ambos trabalham fora de casa, entretanto a esposa ainda se mostra como responsável pela casa e pelos filhos; até chegar no casal 1, em que ambos trabalham fora e dividem os afazeres da casa e o cuidado com a filha.

Observar esse aspecto evolutivo dos casais representa o que Poster (1979) já pontuava em sua obra, ao afirmar que as demandas da sociedade vão alterando a composição e o funcionamento da família. Argumenta que a evolução do capitalismo gera uma nova configuração familiar pautada no aspecto financeiro, o que fica evidente em todo o discurso dos casais.

O que se pode perceber, portanto, acerca do trabalho durante o isolamento social de todos os casais, foi que houve mudanças significativas e um processo de adaptação ao novo formato e tecnologias, o que levou a momentos de incerteza, insegurança e sobrecarga de trabalho de todos os entrevistados.

6.5.3 IMPACTOS FINANCEIROS

No que diz respeito aos impactos financeiros, cada casal apresentou uma fala divergente que abrange sua realidade e particularidade. As realidades dos casais são completamente diferentes, e é possível verificar o quanto a realidade financeira e a posição socioeconômica de cada um proporcionaram um impacto diferente durante o isolamento.

Em relação ao casal 1, por ter uma realidade financeira muito alta e confortável, não sentiram nenhum impacto negativo neste aspecto e ainda pontuaram sobre os privilégios que possuíam e o quanto isso foi essencial nesse período. Paula fala o seguinte sobre isso:

Na nossa casa, tudo a gente tinha uma situação mais confortável, que não era a realidade, por exemplo, meus primos, minhas primas, meus tios, meus tios, já gente, assim, que daí foi, já tem que pegar transporte coletivo. (Paula)

Pedro reafirma a posição de privilégio da família ao dizer o que segue:

Eu acho que por nós termos um pouco mais de privilégio, ter carro, né, morar num lugar longe, de morar numa casa, que isso também fez a diferença da gente tentar se equilibrar, de poder curtir mais, sabe? (Pedro)

Além disso, Paula também pontua que a condição financeira deles permitiu que tivessem atividades ao ar livre por conta de morarem em um condomínio fechado, o que fez com que eles tivessem contato com os vizinhos ao passear pelo condomínio.

O privilégio do casal 1 fica evidente por morarem em um condomínio fechado, o que ajudou a se isolarem, seguir as medidas de segurança, assim como foi possível ter contato com outras pessoas que também estavam isoladas, o que eles afirmam que ajudou a passar por esse momento difícil. Para mais, reconheceram várias vezes durante a entrevista o quanto sabiam do privilégio financeiro comparado a outras pessoas, inclusive da família e que isso fez com que o isolamento fosse mais ameno.

Vargas (2020) afirma em obra que os impactos da pandemia, principalmente o financeiro, altera a dinâmica familiar, o que ocorreu no caso do casal 1. Entretanto, foi uma alteração positiva, visto que puderam seguir o isolamento, se cuidar sem ter preocupações com a renda da família, assim como proporcionar novos momentos de interação, o que Paula afirma em sua fala:

A gente chegou a fazer sexta *party*, porque daí estava em casa. (Paula)

Kerr et al. (2021) afirma como o impacto pode ser maior em famílias de baixa renda quando comparado com famílias com uma renda alta, principalmente as consequências negativas. Para eles, as famílias com uma posição socioeconômica mais privilegiada tiveram menos dificuldades para atender as demandas de trabalho, cuidado da casa e dos filhos, ou seja, o bem-estar da família esteve diretamente relacionado ao aspecto financeiro.

Já em relação ao casal 2, o impacto financeiro também foi menor; entretanto, Gustavo precisou continuar trabalhando por ser motorista autônomo, caso contrário não teria renda, o

que poderia impactar a família. No questionamento sobre a renda de Gustavo, esse ponto fica evidente, pois eles não sabiam definir um salário, e Amanda pontua:

Ah, não sei. Tem dia que você trabalha, tem dia que não, conforme é o serviço dele, né.

Se tem trabalho, tem; se não tem, não tem. (Amanda)

A necessidade de Gustavo continuar trabalhando para sua renda não ser diminuída foi o maior impacto no aspecto financeiro do casal 2, não necessariamente a falta de dinheiro, mas o quanto ele teve que se expor para conseguir manter a renda da família ao ponto de ter medo de morrer, ficar inseguro e ser contaminado pela COVID-19, transmitindo para o restante da família. Ele afirma que não se sentiu mal por ter continuado trabalhando e se contaminar e contaminar a família, mas teve que lidar com a pressão do momento e com o sentimento de medo.

Sobre continuar trabalhando, Lemos et al. (2020) afirmam em sua pesquisa que muitos trabalhadores não tiveram a opção de *home office* por conta de o trabalho ser de base, assim como pela provável insegurança financeira que isso poderia causar e pela posição socioeconômica que eles ocupam. Kamp et al. (2023) colaboram com esse ponto ao defenderem que grupos com condição financeira maior possuem mais trabalhos que permitiram o *home office* quando comparados com grupos de baixa renda.

Outro ponto que o casal 2 relata em sua entrevista e que se assemelha ao casal 1 é o privilégio financeiro que eles tiveram durante a pandemia, pois Amanda, assim como Paula do casal 1, são professoras concursadas, ou seja, a renda delas não sofreu nenhuma alteração durante esse período. Então, elas tinham a certeza do seu salário, o que ajudou a terem menos impactos financeiros.

Amanda afirma, quando questionada sobre o privilégio financeiro:

Sim, muito mais privilégio. Isso aí não tem nem o que falar. Economicamente, principalmente, a gente teve esse privilégio, graças a Deus, de não se preocupar que, se

ia ter para comer amanhã ou não. Com isso aí eu não me preocupei; o Gustavo continuou trabalhando, mesmo eu estando em casa. Eu sei que eu iria receber no final do mês, então, sim, eu me senti privilegiada em muita coisa e muita coisa, sim. (Gustavo)

Já em relação ao casal 3, o impacto financeiro foi muito forte durante o isolamento social, visto que única renda da casa era a de João, que diminuiu muito no período da pandemia, pois só tinha dinheiro caso vendesse; porém, afirma que suas vendas caíram muito nesse momento. Ele alega que na pandemia quase ninguém estava trabalhando com o consórcio, que sua renda estava vindo apenas daquilo que ele havia vendido antes, pois não havia compradores. Ele chega a comunicar que:

[...] a gente passou muita dificuldade financeira, muita dificuldade financeira. (João)

O aspecto financeiro foi tão forte no casal 3, que, ao serem questionados sobre os impactos da pandemia, logo afirmam que foi o financeiro da família. João pontua:

Cara, impacto ruim, hein, bastante impacto ruim, e eu saí da pandemia com dívida, né?

Saí da pandemia com dívida, porque, querendo ou não, a gente ficou sem renda. (João)

Silvia corrobora a fala de João e afirma:

[...] a gente teve que se unir assim, né, porque a gente tem três filhos, né. Então, toda a questão econômica, a parte que a gente mais sofreu foi a questão financeira, porque, se você não trabalha, não ganha. Então, isso foi o que a gente teve que lidar muito, superar, né, poder passar uma segurança para os filhos. (Silvia)

João e Silvia falam bastante sobre como foi difícil o aspecto financeiro, pois João não conseguia vender, e todos estavam em casa, o que acabava gerando mais gastos. Silvia assinala o quanto o financeiro fez falta e que a COVID-19 não levava em consideração a renda da família, porém poderia amenizar o sofrimento. Ela ainda diz que receberam muito apoio do restante da família e que isso foi essencial para eles conseguirem passar por esse momento.

Ambos pontuam o quanto foi desafiador esse período, mas que tentaram a todo momento manter a fé em Deus, que foi o que ajudou em vários momentos de medo, ansiedade e insegurança. Para eles, foi essencial a crença para ajudar em sua resiliência e de que Deus iria prover frente às dificuldades financeiras que tivessem. João ainda demarca que a pandemia fez com que ele repensasse a vida financeira da família.

Ele afirma:

[...] porque que a gente, porque que eu, é, nós sofremos um pouco mais com relação ao financeiro do que outras pessoas. Porque outras pessoas tinham uma condição melhor e que durante a pandemia não teve o mesmo impacto. O cara tinha uma reserva, ele não depende do que ele trabalha. Tem gente que não trabalhou, tem gente que tirou férias. (João)

João diz que essas reflexões o levaram a pensar o quanto é importante buscar uma estabilidade financeira para a família, se preparar para imprevistos e ter um planejamento para que não passem dificuldades como passaram durante o isolamento.

Barboza et al. (2021) afirmam que a insegurança financeira é muito presente em famílias que dependem apenas de uma renda mensal, no caso do casal 3, assim como preocupação e estresse só com a possibilidade da perda do rendimento da família. Além disso, sinalizam que famílias mais desfavorecidas financeiramente sofreram mais impactos negativos durante o isolamento, principalmente no maior número de infecção e morte (Barboza et al., 2021). Esse dado fica evidente no casal 3, visto que, durante a entrevista, afirmaram que foram diagnosticados três vezes com COVID-19.

Klein et al. (2022) pontuam em sua pesquisa que as famílias com uma menor renda sofreram mais impactos na qualidade de vida e no relacionamento entre os membros da família, visto que a insegurança fez surgir medo, estresse e sobrecarga. Além disso, a renda foi determinante também em como a família se relacionou durante o isolamento, visto que famílias

com uma renda alta conseguiram se entreter mais, fazer outros tipos de atividades, enquanto as famílias com uma renda inferior não puderam, relacionando-se com outros familiares majoritariamente para ajudar (Kamp et al. 2023).

Outro fator interessante de se observar em relação ao impacto financeiro é justamente a falta da metagarantia advinda do Estado no aspecto econômico, visto que é função dele promover proteção e segurança à população, o que não ocorreu durante o isolamento no cenário brasileiro (Benghozi, 2022). Com a falta de auxílio do Estado no aspecto financeiro, muitas famílias, como o casal 2 e 3, tiveram consequências nesse quesito, tendo que continuar a trabalhar e se expor ao risco da contaminação, havendo igualmente uma diminuição da renda da família.

Não auxiliar as famílias financeiramente ou contribuir escassamente, assim como a dificuldade da vacinação, corresponde à exposição da população ao risco e insegurança de sua existência. Compreende-se que tais ações vão contra toda a ideia da metagarantia e dever do Estado e dificultam a promoção de um ambiente saudável e suficientemente bom para o desenvolvimento familiar (Winnicott 1960/2011).

Fica explícito que os 3 casais vivenciaram impactos financeiros completamente diferentes. Foi interessante observar o quanto a posição socioeconômica é extremamente importante em períodos de crises sociais, pois ela ditará como as relações serão vivenciadas, assim como quais consequências ocorrerão em cada família.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar a dinâmica familiar durante o *home office* no isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 no Brasil, mais especificamente na

região Norte do Paraná, voltando-se para as mudanças no ambiente da família e as consequências ocasionadas nesse período nas relações familiares. Partiu-se do viés psicanalítico nos estudos das relações familiares, por meio da análise de conteúdo temática que surgiram na entrevista semiestruturada com casais que estiveram em *home office* em algum momento do isolamento.

Percebeu-se, logo no início das entrevistas, que todos os casais possuíam uma diferença salarial impactante e que, durante toda a conversa, ficou evidente o quanto a situação financeira da família ditou como foi o período de isolamento deles e os impactos que causaram na dinâmica e na relação familiar. O acesso aos recursos derivados da posição econômica das famílias foi um fator determinante para que o sofrimento fosse menor, entretanto ainda existente.

Pode-se notar também que as famílias foram impactadas com o sentimento de insegurança e medo da morte, sendo presente em todas as entrevistas, e que isso não era apenas com o grupo familiar, mas se estendia para outros familiares e amigos. A insegurança frente ao novo, a possível contaminação e probabilidade de morte foi um aspecto de impacto negativo, que repercutiu no modo como as famílias se cuidaram, mesmo quando isso não era possível por conta de trabalho e afins.

Outro fator observado foi o psicológico do grupo familiar frente ao medo e à insegurança, como também todas as funções que adquiriram por estar em casa. Frustração, ansiedade e irritabilidade foram os sentimentos mais relatados pelos casais e que também impactaram os filhos; entretanto, a predominância desse sofrimento esteve entrelaçada ao reconhecimento e acesso aos cuidados da saúde mental de cada membro. O casal 1 relata menos impactos psicológicos ao se comparar com os casais 2 e 3, visto que o cuidado com a saúde mental já era algo realizado pela família, enquanto nos outros casais essa ajuda foi buscada posteriormente.

A respeito da dinâmica familiar e aos espaços da casa, as famílias se organizaram de acordo com o trabalho de cada membro familiar e a necessidade de um local maior e mais adequado para que pudessem exercer suas funções. As famílias relatam o quanto foi difícil a adaptação ao *home office* por conta das exigências da casa, dos filhos, assim como o excesso de demanda do trabalho.

Em relação aos filhos, todos os casais pontuaram o quanto estiveram presentes na educação deles, mesmo que assumindo a função de educador principal, e que isso foi um fator positivo, pois puderam estar à parte do processo de aprendizagem deles. Os filhos conseguiram se adaptar ao ensino remoto, e isso foi um fator positivo relatado pelos pais.

Pode-se perceber que não houve apenas impactos negativos em decorrência do isolamento social, mas consequências positivas que deixaram os pais felizes e gratos. Todos os casais afirmam que se sentiram gratos por estarem em casa e que não menosprezavam os impactos negativos da pandemia, mas que puderam proteger seus filhos e, conseqüentemente, ficaram mais próximos e criaram vínculos entre si.

Sobre a conjugalidade, nenhum casal discorreu sobre esse assunto em sua fala, não abordando a relação do casal em si, apenas sobre a família e a aproximação com os filhos. Tal fato pode estar relacionado ao desconforto em abordar o tema ou talvez a questões não elaboradas sobre a conjugalidade por parte dos cônjuges. Além disso, foi possível perceber a predominância do modelo nuclear de família e as alterações que o padrão de sociedade capitalista ocasiona na dinâmica da família, como a necessidade de se expor ao risco do trabalho e contaminação para não sofrer impactos negativos financeiramente.

Outro fator interessante de apontar é o número menor de participantes e que isso pode reverberar em um montante menor de dados levantados acerca dos impactos da pandemia nas famílias, o que faz com que não se possa afirmar que todas as famílias passaram pelas mesmas

consequências durante o isolamento social, assim como presumir que as famílias tiveram alterações antes da pandemia e depois.

Sendo assim, a partir deste estudo, nota-se que as famílias entrevistadas tiveram majoritariamente impactos negativos e que o fator financeiro foi fundamental para suas percepções e vivências durante o isolamento. Portanto, a pesquisa elucidou os impactos ocasionados e demonstra a necessidade de estudos brasileiros sobre o tema para aprofundamento dos dados sobre a dinâmica familiar durante o isolamento social.

8 REFERÊNCIAS

- Aquino, E. M., Silveira, I. H., Pescarini, J. M., Aquino, R., Souza-Filho, J. A. de, Rocha, A. dos S.,... Lima, R. T. dos R. S. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(1), 2423–2446. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000200009>.
- Barboza, M., Marttila, A., Burström, B., & Kulane, A. (2021). Covid-19 and pathways to health inequities for families in a socioeconomically disadvantaged area of Sweden - qualitative analysis of home visitors' observations. *International journal for equity in health*, 20(1), 215. <https://doi.org/10.1186/s12939-021-01556-6>
- Barcelos, T. do N., Muniz, L. N, Dantas, D. M., Junior, D. F. C., Cavalcante, J. R. & Faerstein, E. (2021). Análise de fake news veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil, *Revista Panamericana de Salud Pública*, 45 (65), 1-8. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2021.65>.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Benghozi, P. (2010). *Malhagem, filiação e afiliação*. São Paulo: Vetor Editora.
- Benghozi, P. (2022). Clinique, souffrance et attaque de la métagarance dans les familles, les institutions et le lien social. *Revue Internationale de Psychanalyse du Couple et de la Famille*, 26(1). https://aipcf.net/revue/wp-content/uploads/2022/07/6-AIPCF_N.-26_1-2022-Pierre-Benghozi-francais.pdf.
- Berger, P., & Kellner, H. (1964). Marriage and the construction of reality. *Diogenes*, 46, 1-24.
- Boni, V., Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, 2(1), 68-80. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- Bridi, M. A.... & Bezerra, G. U. (2020). O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19. *Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade*, 79, 1-8. https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/ARTIGO_REMIR.pdf
- Bülow, A., Keijsers, L., Boele, S., van Roekel, E., & Denissen, J. J. A. (2021). Parenting adolescents in times of a pandemic: Changes in relationship quality, autonomy support, and parental control? *Developmental psychology*, 57(10), 1582–1596. <https://doi.org/10.1037/dev0001208>.

- Cambuí, H. A., Neme, C. M. B., & Abrão, J. L. F. (2016). A constituição subjetiva e saúde mental: contribuições winnicottianas. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 19(1), 131–145. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982016000100009>
- Carvalho-Barreto, A. (2013). A parentalidade no ciclo de vida. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 147-156. <https://www.scielo.br/j/pe/a/mKtBxNqnrXVYFVBSY7sdPQM/abstract/?lang=pt#>
- Chua, K. A., Schwartz, C., Towner, E., Kasparian, N. A., & Callaghan, B. (2021). Parenting under pressure: A mixed-methods investigation of the impact of COVID-19 on family life. *Journal of affective disorders reports*, 5, 100161. <https://doi.org/10.1016/j.jadr.2021.100161>.
- Cicco, M. F. de, Paiva, M. L. S. C. & Gomes, I. C. (2005). Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. *Psicologia Clínica*, 17(2), 53-63. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652005000200005>.
- Cury, C. R. J. (2020). Educação escolar e pandemia. *Revista pedagogia em ação*, 13(1), 8-16. <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749>.
- Dias, E. O. (2017). Família e amadurecimento: do colo à democracia. *Natureza Humana*, 19(2), 144-162. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302017000200009.
- Duarte, A. de M., & César, M. R. de A. (2020). Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. 45(4), e109146. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109146>.
- Duarte, M. de Q., Santo, M. A. da S., Lima, C. P., Giordani, J. P., & Trentini, C. M. (2020). COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(9), 3401–3411. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020259.16472020>.
- Falcão, P. P. H. L. & Santos, M. de F. de S. (2021). O *Home office* na pandemia do Covid19 e os impactos na saúde mental. *Revista Brasileira de Psicoterapia (online)*, 23(2), 63-78. <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1353036>.
- Falkembach, E. M. F. [s/d]. Diário de Campo: um instrumento de reflexão. *Revista Contexto/Educação*, Ijuí, Unijuí, 7.
- Faro, A., Bahiano, M. de A., Nakano, T. de C., Reis, C., Silva, B. F. P. da., & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200074. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>.
- Faro, A., Cerqueira-Santos, E. & Silva, J. P. da. (2021). *Saúde, Desenvolvimento e Educação*. – Belo Horizonte: Editora Dialética.

- Féres-Carneiro, T. (2001). Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Casamento e família, do social à clínica* (pp. 67-80). Rio de Janeiro: NAU.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20(46), 269–278. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200014>.
- Fonseca, R. P., Sganzerla, G. C., & Enéas, L. V. (2020). Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem. *Debates em Psiquiatria*, 10(4), 28–37. <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2020.v10.23>.
- Freitas, M., & Pereira, E. R. (2018). O diário de campo e suas possibilidades. *Quaderns de Psicologia, [online]*, 20(3), 235-244. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1461>.
- Fulgêncio, C. D. R. (2007). *A presença do pai no processo de amadurecimento: um estudo sobre D. W. Winnicott*. [Dissertação de Mestrado]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Giannotti, M., Mazzoni, N., Bentenuto, A., Venuti, P., & de Falco, S. (2022). Family adjustment to COVID-19 lockdown in Italy: Parental stress, coparenting, and child externalizing behavior. *Family process*, 61(2), 745–763. <https://doi.org/10.1111/famp.12686>
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Griffith, A. K., Bedard, K. E., Eaton, A., Ackerlund Brandt, J. A., & Jha, P. (2022). Effects of the COVID-19 Pandemic on Parental Burnout and Parenting Practices: Analyses Using a Retrospective Pretest. *Chronic stress (Thousand Oaks, Calif.)*, 6, 24705470221114059. <https://doi.org/10.1177/24705470221114059>
- Ilari, B., Cho, E., Li, J., & Bautista, A. (2022). Perceptions of Parenting, Parent-Child Activities and Children's Extracurricular Activities in Times of COVID-19. *Journal of child and family studies*, 31(2), 409–420. <https://doi.org/10.1007/s10826-021-02171-3>.
- Kamp, D., Torensma, M., Vader, S., Pijpker, R., den Broeder, L., Fransen, M. P., & Wagemakers, A. (2023). Exploring experiences with stressors and coping resources among Dutch socioeconomic groups during the COVID-19 pandemic. *Health promotion international*, 38(1), daac198. <https://doi.org/10.1093/heapro/daac198>.
- Kerr, M. L., Fanning, K. A., Huynh, T., Botto, I., & Kim, C. N. (2021). Parents' Self-Reported Psychological Impacts of COVID-19: Associations with Parental Burnout, Child Behavior, and Income. *Journal of pediatric psychology*, 46(10), 1162–1171. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsab089>
- Khanijahani, A., Iezadi, S., Gholipour, K., Azami-Aghdash, S., & Naghibi, D. (2021). A systematic review of racial/ethnic and socioeconomic disparities in COVID-19. *International journal for equity in health*, 20(1), 248. <https://doi.org/10.1186/s12939-021-01582-4>

- Klein, S., Fegert, J. M., Geprags, A., Brahler, E., & Clemens, V. (2022). The Impact of the COVID-19 Pandemic on Health, Quality of Life and Intrafamilial Relations - A Population-Based Survey in Germany. *Frontiers in psychology*, *13*, 844057. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.844057>
- Lemos, A. H. de C., Barbosa, A. D. O., & Monzato, P. P. (2020). Mulheres em *home office* durante a pandemia da covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. *Revista de Administração de Empresas*, *60*(6), 388–399. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200603>
- Lima, C. M. A. de O. (2020). Information about the new coronavirus disease (COVID-19). *Radiologia Brasileira*, *53*(2) V–VI. <https://doi.org/10.1590/0100-3984.2020.53.2e1>
- Macedo, R. M. (2013). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, (91), 62–68. <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/877>.
- Malta, D. C., Szwarcwald, C. L., Barros, M. B. de A., Gomes, C. S., Machado, . E., Souza J. P. R. B. de, ... Gracie, R. (2020). A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, *29*(4), e2020407. Epub 21 de setembro de 2020. <https://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742020000400026>.
- Manzini, E. J. (2004). Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e roteiro. In: *Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos*. Bauru: USC.
- Marques, E. S., Moraes, C. L. de, Hasselmann, M. H., Deslandes, S. F., Reichenheim, M. E. (2020). A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivaes e formas de enfrentamento. *Cadernos de Saúde Pública [online]* *36*(4), e00074420. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>.
- Mendes, E. R. P. (2021). O medo sem face na pandemia da covid-19. *Estudos de Psicanálise*, (56), 63-68. Recuperado em 26 de novembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Meneghel, S. N., Ribeiro, R. H., & Oliveira, D. C. de. (2022). Grupos virtuais no enfrentamento do medo e da morte durante a epidemia de covid-19: contribuies da saúde coletiva. *Saúde E Sociedade*, *31*(1), e210294. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210294>.
- Minayo, M. C. S. (2002). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrpolis: Editora Vozes.
- Minuchin, P. Colapinto, J. & Minuchin, S. (1998). *Working with families of the poor*. NY: The Guilford Press.
- Morse, A. R., Banfield, M., Batterham, P. J., Gulliver, A., McCallum, S., Cherbuin, N., Farrer, L. M., & Calear, A. L. (2022). What could we do differently next time? Australian parents' experiences of the short-term and long-term impacts of home

- schooling during the COVID-19 pandemic. *BMC public health*, 22(1), 80.
<https://doi.org/10.1186/s12889-022-12495-4>.
- Najar, A., & Castro, L. (2021). Um nada ‘admirável mundo novo’: medo, risco e vulnerabilidade em tempos de Covid-19. *Saúde em Debate*, 45(spe2), 142–155.
<https://doi.org/10.1590/0103-11042021E210>.
- Niz, C. A. F., & Tezani, T. C. R. (2021). Educação escolar durante a pandemia: quais lições aprenderemos?. *Olhar de Professor*, 24, 1–9.
<https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.16068.035>.
- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 669–677.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/Xbht7HRKYCC3JZCdzZDfvrj/abstract/?lang=pt#>.
- Ozório, C. D., Féres-Carneiro, T. & Magalhães, A. S. (2017). Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: do modelo tradicional ao contemporâneo. *Pensando famílias*, 21(1), 20-32.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100003&lng=pt&tlng=pt.
- Passos, M. C. (2015). *Vicissitudes do tempo na formação dos laços familiares*. In T. Féres-Carneiro, (Org). *Família e Casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 11-23). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Peixoto Junior, C. A. (2008). Sobre a importância do corpo para a continuidade do ser. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 8(4), 927-958.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000400005.
- Perrigo, J. L., Samek, A., & Hurlburt, M. (2022). Minority and low-SES families' experiences during the early phases of the COVID-19 pandemic crisis: A qualitative study. *Children and youth services review*, 140, 106594.
<https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2022.106594>.
- Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Zahar Editores S. A.
- Prime, H., Wade, M., & Browne, D. T. (2020). Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. *The American psychologist*, 75(5), 631–643.
<https://doi.org/10.1037/amp0000660>.
- Ramírez-Ortiz, J., Castro-Quintero, D., Lerma-Córdoba, C., Yela-Ceballos, F., & Escobar-Córdoba, F. (2020). Consecuencias de la pandemia COVID-19 en la Salud Mental asociadas al aislamiento social. *SciELO Preprints*, 1–21.
<https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.303>.
- Ribeiro, R. (2021). Casa(s) e “Ficar em casa”: um estudo exploratório dos impactos psicossociais das desigualdades habitacionais durante a pandemia de Covid-19. *New*

- Trends in Qualitative Research*, 9, 153–162. <https://doi.org/10.36367/ntqr.9.2021.153-162>.
- Rodriguez, B. C. & Paiva, M. L. de S. C. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo*, 6(1), 13-25. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902009000100003.
- Rodrigues, L. G. (2021). *Percepções sobre parentalidade em contextos de risco: um estudo na comunidade*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Lusófona do Porto.
- Rosa, C. D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Revista Natureza Humana*. 11(2), 55-96. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&tlng=pt.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Silveira, D. T. & Córdova, F. P. (2009). Unidade 2 - Pesquisa Científica. In Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (Orgs.), *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. dos. (2016). Satisfação no Namoro e Bem-Estar Subjetivo: Associações com a Conjugalidade dos Pais. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 32(3), 1-8. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32325>.
- Sheen, J., Aridas, A., Tchernegovski, P., Dudley, A., McGillivray, J., & Reupert, A. (2021). Investigating the Impact of Isolation During COVID-19 on Family Functioning - An Australian Snapshot. *Frontiers in psychology*, 12, 722161. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.722161>.
- Santos, G. K. N., Oliveira, L. C de, Fonseca, M. R. A., Sousa, D. A. de, Lima, P. A. L., Barros, L. de M. (2022). O medo da morte e do morrer em estudantes da saúde. *Psicologia em Pesquisa*, 16(1), 1-20. <https://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.30075>.
- Silva, I. R. da. & Silva, A. M. B. da. (2022). O impacto da pandemia Covid-19 na Educação Física escolar: uma revisão integrativa da literatura. *Pensar a Prática*, 25. <https://doi.org/10.5216/rpp.v25.66952>.
- Sousa, J. (2006). As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar* 11, 41– 47.
- Souza, C. M. B. de. (2008). Família na contemporaneidade: mudanças e permanências. *Caderno CRH*, 21(54), 623–625. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000300014>
- Souza, F. H. O. & Fontella, C. (2016). Diga, Gérard, o que é a parentalidade? *Clínica & Cultura*, 5 (1), 107-120. <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/5375>.

- Strzelecki, A. M., Moloney, M. E., Brooks, A. T., & Weafer, J. (2022). Alcohol use, sleep, and depression among family caregivers in the time of COVID-19. *Alcohol (Fayetteville, N.Y.)*, 102, 35–42. <https://doi.org/10.1016/j.alcohol.2022.04.002>.
- Vargas, D. (2020). Efectos de la pandemia en la familia. In: Cordera, R. Provencio, E. *Cambiar el rumbo: el desarrollo tras la pandemia*. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2020, p. 111-116.
- Winnicott, D. W. (1950) Algumas considerações sobre o significado da palavra democracia. In: Winnicott, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. (pp. 227-247). Porto Alegre: Artes Médicas. 2011.
- Winnicott, D. W. (1956). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas por D. W. Winnicott*. (pp. 399-405) Rio de Janeiro: Imago Ed. 2000.
- Winnicott, D. W. (1957). Fatores de integração e desintegração na vida familiar. In: Winnicott, D. W. *A Família e o desenvolvimento individual*. (pp. 59-72) Porto Alegre: Artes Médicas. 2011.
- Winnicott, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: Winnicott, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*. (pp. 59-72) Porto Alegre: Artes Médicas. 1983.
- Winnicott, D. W. (1960). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: Winnicott, D. W. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. (pp. 21-28) São Paulo: Martins Fontes. 2011.
- Winnicott, D. W. (1964). O recém-nascido e sua mãe. In: Winnicott, D. W. *Os bebês e suas mães*. (pp. 29-42) São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- Winnicott, D. W. (1966). A criança no grupo familiar. In: Winnicott, D. W. *Tudo começa em casa*. (pp. 123-136) São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubo. 2019.
- Zordan, E. P., Falcke, D. & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2009v15n2p56>.

ANEXOS

ANEXO AEntrevista com casais em *home office*

Data da entrevista: ____/____/____

Dados do Casal.

Nome:

Idade:

Raça:

Renda:

Trabalho:

Nome:

Idade:

Raça:

Renda:

Trabalho:

1. Como foi o período de isolamento social para vocês?
2. Por quanto tempo ficaram em *home office*?
3. Como foi a dinâmica familiar durante o *home office*?
4. Ocorreram mudanças na rotina da família? Se sim, quais?
5. Como vocês se sentiram durante esse período?
6. Como avaliam os impactos advindos do isolamento social?
7. Houve mudanças na relação conjugal de vocês?
8. Houve mudanças na relação com o(a) filho(a)?

9. Como vocês descreveriam o período de *home office* da família?

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa “Relações familiares e COVID-19: considerações sobre a dinâmica familiar durante o isolamento social”. O objetivo da pesquisa é refletir sobre a dinâmica familiar durante o isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19. Para isso, será realizado um encontro abordando essa temática onde serão respondidas questões feitas a partir de um roteiro de entrevista previamente elaborado.

A entrevista será gravada, sendo que as informações serão utilizadas somente para os fins desta e de futuras pesquisas e tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. A entrevista poderá ser utilizada em publicações decorrentes desta e de outras pesquisas vinculadas, sendo retirados os itens de identificação que porventura figurarem neste documento. Os materiais produzidos serão descartados após cinco anos do término desta pesquisa.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos também que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são disseminar informações acerca do tema, além de propiciar aos profissionais da área da saúde e, principalmente, da área de Psicologia subsídios para o desenvolvimento de intervenções psicológicas que possam acolher as famílias acometidas por questões emocionais decorrentes da pandemia da COVID-19.

Em relação aos riscos, entende-se que estes podem estar vinculados a algum desconforto emocional aos participantes envolvidos na pesquisa, sendo possível interromper a participação a qualquer momento. Em caso de desconforto, os participantes serão auxiliados, por meio de acolhimento psicológico, com amparo até a eliminação do desconforto advindo da participação no estudo.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de mais esclarecimentos poderá nos contatar: Caio Henrique Almagro Carvalho, Psicólogo, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina, (43) 99647-5436, caio.almagrocarvalho@uel.br, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao prédio do LABESC (Laboratório Escola de Pós-Graduação), sala 14, Campus Universitário - Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380 (PR 445), Londrina, PR – CEP: 86057-970. Telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a(o) senhor(a).

Londrina, ____ de _____ de 2023.

Caio Henrique Almagro Carvalho

Pesquisador responsável CRP 08/35524

_____ (NOME POR EXTENSO DO PARTICIPANTE
DA PESQUISA), tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa,
concordo em participar voluntariamente.

Assinatura do participante: _____ Data: _____